

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALFABETIZAÇÃO

A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO

DE CONSTRUÇÃO DA LECTO-ESCRITA

ANA MARIA DO RÓCIO PALMEIRO GRÁCIA

CURITIBA

1992

À minha filha Isabelle, pela compreensão, incentivo e carinho e , a todos aqueles que, de uma ou de outra maneira, colaboraram para a elaboração deste trabalho. Com especial atenção à Professora Verônica Branco.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I-

1.1 Contexto.....	01
1.2 Justificativa.....	02
1.3 Formulação do problema.....	03
1.4 Objetivos.....	03
1.5 Delimitação do problema.....	03
1.6 Limitações.....	04

CAPÍTULO II - REVISÃO DE LITERATURA.....	05
--	----

CAPÍTULO III -

3.1 Metodologia.....	11
3.2 Procedimentos metodológicos.....	11

CAPÍTULO IV - ÁREA DE EXECUÇÃO DO PROJETO.....	13
--	----

CONCLUSÃO -	33
-------------------	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS -	36
------------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

A Literatura Infantil no Processo de Construção da Lecto-Escrita.

CAPÍTULO I

1.1- Cõntexto

O sistema educacional brasileiro não tem garantido a todos os alunos, na idade apropriada, o acesso e a permanência no ensino básico.

O analfabetismo, porém, não se limita à faixa etária acima de 15 anos, como também atinge aquelas que estão na idade apropriada à escolarização.

A exclusão dos alunos da classe menos favorecida do sistema educacional, tem sua origem, dentre outros fatores, na necessidade de inserção dos mesmos no mercado de trabalho e devido à não clarificação de uma concepção de educação que tenha como referência os setores populares.

Por outro lado, aos jovens e adultos, que foram excluídos do sistema de ensino na idade própria à sua escolarização básica, está sendo ofertada uma educação precária, em função dos poucos investimentos financeiros destinados pelos órgãos federais, estaduais e municipais a essa mesma educação básica. Segundo dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no anuário estatístico do Brasil, 1990, não chega a 0,5% as despesas com a educação e cultura.

Outro problema que também interfere é a ausência de profissionais devidamente habilitados.

A privação do direito básico de alfabetização do cidadão que vem recaindo principalmente sobre a população marginalizada economicamente, com pouco estímulo no que se refere à educação formal e sistematizada, apresentando, muitas vezes, dificuldades em aprendizagem não pode permanecer sem uma resposta do sistema educacional.

Por outro lado, a participação numa sociedade letrada, depende, fundamentalmente, do acesso aos mecanismos que expressam, identificam ou registram o conhecimento acumulado, o estágio e o modo pelo qual se estabelecem as relações sociais de produção dentro dessa sociedade. Acompanhar o desenvolvimento e alterações do mundo "moderno", portanto, requer como condição básica, o acesso às formas pelas quais as pessoas se comunicam e expressam suas aquisições e conquistas.

Neste sentido, a leitura e a escrita atuam como instrumentos básicos e ferramentas necessárias para que o homem se aproprie desse conhecimento acumulado.

O acesso ao saber possibilita o acesso ao questionamento das relações que sustentam o poder. A luta pela transformação exige do sujeito o domínio do saber sistematizado e a condição básica para isso é o domínio da linguagem.

1.2- Justificativa:

Sabendo que a Literatura Infantil é uma fonte riquíssima de informações e da sua importância para a formação e introdução da criança nas convenções da linguagem oral e escrita, é preocupação dos professores, saber quais as possibilidades dela interferir no processo da aquisição da lecto-escrita.

É reconhecido que, entender e falar a língua, são atividades linguísticas primárias, que são desenvolvidas antes do in-

gresso à escola e, ler e escrever são atividades secundárias dependentes das anteriores, cujo desenvolvimento é a principal responsabilidade da escola.

O contato com a Literatura Infantil pode dar continuidade a uma experiência iniciada pelas crianças, antes delas entrarem na escola, desde que elas tenham tido contato literário, mediado por leitores que lhes tenham transmitido o que leram.

Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um bom leitor e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

Este Projeto de Pesquisa, pretende facilitar o desenvolvimento do processo de aquisição da lecto-escrita, através do contato direto com a Literatura Infantil.

1.3- Formulação do Problema:

Quais as possibilidades de a Literatura interferir no processo de aquisição da lecto-escrita?

1.4-Objetivo:

Analisar as manifestações da criança durante o processo de aquisição da lecto-escrita de forma criativa e crítica, mediante o contato direto com a Literatura Infantil.

1.5- Delimitação do Problema:

O presente Projeto será desenvolvido numa classe de alfabetização, durante os quatro primeiros meses do ano de 1992. Esta classe, terá trinta alunos aproximadamente, cuja faixa etária é variável entre 6 a 8 anos.

São alunos da Escola Municipal Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, filhos de pais da classe trabalhadora, nível sócio econômico baixo.

1.6-Limitações:

-Falta de estímulo por parte dos pais, quanto ao ensino formal e sistematizado.

-Vida precária, que obriga, muitas vezes, o aluno a pequenos trabalhos que o afastam da escola.

-Faltas e evasão escolar.

Estes tópicos, poderão servir de obstáculos, empecilhos ou inconvenientes que poderão enfraquecer a aplicação deste Projeto de Pesquisa.

CAPÍTULO II

-REVISÃO DE LITERATURA:

Muito se tem discutido em Educação, uma forma de avanço de uma Pedagogia tradicional autoritária e dogmática, para um Pedagogia mais progressista que se fundamenta em uma análise crítica da realidade social. Desta maneira, surgem questões polêmicas como a importância da Literatura Infantil e o seu papel nas séries iniciais do 1º grau.

A literatura é, sem dúvida, um espaço possível no mundo da linguagem, estabelecendo ligações entre a realidade vivenciada pelas crianças e o mundo da cultura a que devem ter acesso.

Sendo um instrumento essencial dentro das salas de aula, a literatura permite uma maior compreensão do mundo e um posicionamento perante a realidade, podendo romper com padrões vigentes, tornando-se instrumento de liberdade.

A literatura é um dos fatores relevantes que reflete os valores existentes na sociedade, revelando interesses, necessidades e concepções dos diferentes grupos que a constituem, não só através da expressão escrita.

Parafraseando Nelly Novaes COELHO, pode-se afirmar que:

A literatura entre as artes é a das mais eloquentes, devido a amplitude de seus recursos expressivos. Ela não só pode dar perenidade ao gesto, como principalmente se concretizar em uma matéria formal que corresponde àquilo que distingue o homem dos demais seres do reino animal : a palavra, a linguagem criadora. ¹

A criança na fase da alfabetização está bastante interesu

1.COELHO, Nelly Novaes. A Literatura Infantil, 3ª ed.São Paulo. Quirón, 1987. p.5.

sada pela literatura. Isto se deve ao fato de que ela corresponde aos interesses, necessidades e expectativas próprias do desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança nessa fase. Existem alguns elementos presentes na literatura infantil, que interagem decisivamente na formação do pensamento, corresponde às características existentes em cada etapa do desenvolvimento da criança.

Esta interferência coincide com a posição de Bruno BETTLHEIM, de que:

Ouvir os contos de fadas e incorporar imagens que eles apresentam pode ser comparado a espalhar sementes, onde só algumas ficarão implantadas na mente da criança. Algumas ficarão trabalhando na sua mente de imediato, outras estimularão processos no seu inconsciente. Outras, ainda precisarão descansar muito tempo até a mente da criança alcançar um estado adequado para sua germinação, e muitas não criarão raízes. Mas as sementes' que caírem em solo certo se transformarão em lindas flores e árvores robustas - isto é, darão validade a sentimentos importantes, promoverão percepções internas, alimentarão esperanças, reduzirão ansiedades - e com isto enriquecerão a vida da criança, no momento e daí para sempre. ²

É indiscutível a importância do papel da escola para desenvolver na criança o gosto pela literatura infantil, uma vez que existe, nessa fase, interesse e disponibilidade em relação à literatura. É preciso trabalhar com a literatura num clima de liberdade e lazer, para que a criança mantenha o gosto que tem "a priori" e não se afaste em função de atitudes de cobrança.

2. BETTLHEIM, Bruno. A psicanálise dos Contos de Fadas. 3ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. p.189.

O enfoque dado à atividade deve ser de surpresa, mistério e interesse, não acarretando ansiedade, ou passando a ser simples ocupação de uma lacuna pedagógica. É necessário a realização de atividades dinâmicas, criando, um clima de motivação muito desejável em qualquer tipo de atividade.

A literatura é muito rica, no sentido de formar o aluno, ampliar seus horizontes cognitivos, além do desenvolvimento de criatividade e raciocínio.

Trata-se, portanto, de um recurso da mais alta importância capaz de expandir enormemente o potencial de desenvolvimento da criança quando utilizado de forma adequada e fundamentalmente lúdica, proporcionando-lhes horas de prazer.

Fonte de encantamento e fantasia, informação e lazer, a literatura deve ocupar um espaço de real importância na vida da criança, merecendo assim um tratamento especial em sala de aula, desempenhando um papel fundamental, principalmente no processo de alfabetização.

A criança conhece o livro antes de saber lê-lo, da mesma maneira que descobre a linguagem antes de dominar seu uso. Os diferentes códigos - verbais, visuais, gráficos - se antecipam à criança, que os encontra como prontos, à espera de que os assimile paulatinamente ao longo do tempo.

Dentre os códigos enumerados, o gráfico vem por último. Sua apropriação conta com a intermediação da escola que emprega recursos metodológicos para obter a aprendizagem desejada. A alfabetização, como é concebida pela sociedade contemporânea, não pode dispensar a ação pedagógica, que se vale de um espaço característico, a sala de aula, e de um agente especialmente designado para esta tarefa, o professor.

É a partir dos resultados do trabalho docente que a leitura se instala como vivência da criança, como uma habilidade que ela pode controlar e desenvolver com o transcurso do tempo. Quando a palavra escrita pode ser decifrada por ela, os diferentes materiais traduzidos pela imprensa - como o livro, o jornal, ou a re -

vista - estão ao seu alcance.. Esses materiais são conhecidos pela criança antes de alfabetizada e o fato de que ela deseja compreendê-los estimula a aprendizagem, antecipando-a, em alguns casos.

Se a relação do professor com a literatura ocorrer a nível sensível do emocional (pois é aí que ele atua diretamente), se ele entender a intencionalidade simbólica e discernir que cada obra é utilizada para mostrar o que o autor pensa sobre determinado assunto, se notar a diferença entre uma obra fechada, onde todos os leitores deverão entender a mesma "mensagem" e uma obra aberta em que o interlocutor é também autor, completando o texto com suas leituras anteriores e sua experiência de vida, então estará claro o trabalho com literatura infantil em sala de aula.

Nada mais esclarecedor a respeito do que as palavras da autora Nelly Novaes COELHO quando diz:

Quem tem a seu cargo educar crianças não pode nunca perder de vista a peculiaridade da alma infantil, descoberta pelos estudos de psicologia da criança, a sua natural tendência para aprender o mundo através, não da razão, mas da emotividade de seu Eu. Uma vez sabendo que o processo de conhecimento natural da criança é valer-se basicamente daquilo que suas próprias emoções, sensações e experiências imediatas lhe ensinam, nosso trabalho educativo deve ter como pedra basilar a educação da sensibilidade e da expressão linguística dessa sensibilidade. A intuição da criança, suas emoções ou sensações, tocadas pelo processo educativo, serão as portas abertas que levarão, inteligência e lógica, inerentes à condição do adulto que ela será um dia. ³

A função básica da literatura infantil, segundo Nelly Novaes COELHO é, portanto encarada:

3.COELHO, Nelly Novaes. O Ensino da Literatura. p.165-166.

...como instrumento de educação, estimulando na criança todas as potencialidades latentes em seu ser, despertando uma série de valores que estão a espera de um impulso que vão se projetar na sua experiência do dia-a-dia, atuando sobre sua potencialidade psíquica, despertando sua imaginação e gosto artístico, preparando-a para o conhecimento da realidade, levando-a paulatinamente, do reino da fantasia para o dos valores do mundo concreto que a rodeia, desenvolvendo, pelo exercício da leitura e reprodução, a capacidade expressiva da criança.⁴

A psicologia é a primeira a mostrar que a literatura infantil é necessária e ajustada ao psiquismo que se ajustam à evolução mental. Parte importante de sua vida, desde a mais tenra idade, a literatura infantil constitui alimento precioso para sua alma e é entendida por sua inteligência.

Há também uma literatura infantil que é a da criança, que deve ser despertada pela leitura e ensinada pela escola. A literatura feita por ela, é uma forma de expressão de desabafo, de canalização de energias e realização de desejos impossíveis ou difíceis de serem satisfeitos. A literatura infantil muito embora pareça simples brincadeira é, na verdade, o marco inicial da cultura. A imaginação infantil é uma força divina. Como o artista, a criança tem o poder de transformar um pouco de areia, num lindo castelo cor-de-rosa. Nada mais indicado para formar uma imaginação sadia, poderosa e equilibrada que educação por meio de histórias, que, através de nuances, separam o material do espiritual e o acessório do essencial. A história é uma janela aberta sobre um imenso jardim

4. COELHO, Nelly Novaes. O Ensino da Leitura. p.166.

florido, cheio de lembranças encantadoras que jamais serão destruídas pelo tempo.⁵

5. MONTEIRO, Conceição P. & OLIVEIRA, Maria Helena C. de. Didática da linguagem. Como ensinar, como aprender. 5ª ed. São Paulo, Saraiva, 1982. p.86.

CAPÍTULO VI

3.1- Metodologia:

O presente Projeto tem caráter exploratório de Pesquisa e Ação. Pretende-se que a criança, em contato direto com a literatura infantil, construa paulatinamente o seu conhecimento com relação à leitura e à escrita, através de atividades diversificadas, que, estejam de acordo com o seu interesse, oportunizando situações em que ela, em interação com o objeto de aprendizagem, possa concordar, discordar ou criticar o mundo em que está inserida.

O professor será o mediador dessa aprendizagem, proporcionando condições para o desenvolvimento do processo.

A literatura será utilizada de forma preponderante através de textos, histórias, poesias e criação espontânea.

Como diz Fanny ABRAMOVICH:

...ler histórias para as crianças, sempre e sempre... é suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões... é estimular para desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar... Afinal, tudo pode nascer de um texto.¹

3.2. Procedimentos Metodológicos:

-Ouvir com atenção e interesse, histórias contadas pela professora, ou de discos de histórias infantis.

1. ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil. Gostosuras e Bobices. 2ªed. São Paulo. Scipione, 1991. p. 17.

-Representar os personagens das histórias ouvidas, através de mímicas e dramatizações.

-Desenhar histórias ouvidas.

-Interpretar imagens que aparecem em livros sem textos.

-Desenvolver algumas situações apenas sugeridas pelas ilustrações ou diálogos, aproveitando personagens secundários.

-Criar histórias a partir de uma cena colocada.

-Misturar vários personagens de histórias diferentes, criando uma nova história.

-Tridimensional, através de dobraduras, modelagem, material de sucata, cenas de uma história apresentada.

-Assistir a filmes de histórias infantis, para posterior interpretação através de dramatização ou desenho.

-Ouvir poesias, para posterior interpretação.

-Folhear com atenção e interesse, livros variados de histórias.

-Observar se a ilustração da capa tem relação com o título da história.

-Descobrir se a ilustração corresponde ao que está escrito nas páginas.

-Avaliar e fazer comentário sobre o tamanho das letras.

-Reinventar histórias contadas pela professora.

-Selecionar o que quer ver de novo.

-Reconstruir a narrativa conforme sua lembrança.

-Criar rimas a partir de palavras que apareçam nas histórias.

-Concordar, discordar, criticar, personagens e situações decorrentes de histórias e poesias lidas ou ouvidas.

CAPÍTULO IV

Área de Execução do Projeto

Este trabalho de pesquisa, "A literatura Infantil no Processo de Construção da Lecto-Escrita", foi desenvolvido numa turma de 24 alunos, sendo 21 alunos repetentes de 1ª série (alguns até mesmo com dois ou três anos de repetência, considerados, portanto, "comprometidos" no que se refere à aprendizagem) e 3 alunos iniciantes no processo de construção da leitura e da escrita.

A classe era composta de alunos bastante espertos em sua maioria, participando ativamente das atividades desenvolvidas em sala de aula. Apesar disso, essa classe apresentava um perfil bastante heterogêneo, pois as crianças estavam nas mais diversas fases do processo de alfabetização.

Destes 24 alunos, 10 iniciaram o processo sem compreensão alguma do código escrito, com bastante dificuldade em se expressar, sabendo escrever apenas o seu primeiro nome. Apesar de terem tido contato, não sabiam utilizar as letras, ou como combiná-las para formar palavras, conseguindo apenas, através do desenho, comunicar seus pensamentos de forma bastante primária. Sete desses alunos, conheciam algumas letras do alfabeto, escreviam o nome e algumas palavras do seu vocabulário usual demonstrando, a princípio, pouco interesse em aprender o código escrito, para uma comunicação mais efetiva; executavam, porém, as atividades de forma mais espontânea e com menos dificuldades que os primeiros. Outros sete alunos já estavam numa fase mais adiantada, conseguindo colocar no papel algumas de suas idéias, utilizando as letras com maior desenvoltura e conhecimento, tanto na escrita como na leitura, reconhecendo palavras e frases curtas.

A turma era bastante difícil por ser composta por alunos repetentes de vários anos numa mesma série, apresentando desta forma, vícios e dificuldades adquiridos ao longo da caminhada que antecedeu a aplicação deste Projeto de Pesquisa.

No entanto, desde o início da aplicação do Projeto, sentiu-se que a contribuição da Literatura foi de grande valia e bastante significativa, despertando nas crianças interesse pelos livros e, conseqüentemente, pela construção da lecto-escrita.

Os livros de histórias infantis, foram explorados diariamente, tornando-se por assim dizer, ferramentas de trabalho em sala de aula, sem esquecer, é óbvio, que a literatura, uma das mais belas formas de arte é, sem dúvida alguma, mais uma forma de ver e representar o mundo.

Através da Literatura Infantil, houve a possibilidade da exploração de conteúdos variados não só na alfabetização, como em outras áreas do conhecimento.

O trabalho com os livros infantis não ficou só a nível de apreensão do código gráfico, fixação e ortografia, ensino sinais de pontuação ou ampliação do vocabulário, mas centrou-se principalmente, na discussão e reflexão da obra lida ou ouvida, fazendo as relações entre o que já tinha sido lido com fatos reais do cotidiano, subsidiando-se, assim, a produção da leitura prazer.

Pretendeu-se, através desse trabalho, sair da "mesmice" de se propor reprodução literária, somente através de desenhos e escrita, dando um salto de qualidade, necessário para um bom trabalho de leitura fruição, pois ler, é ir além, é abrir horizontes, é desvendar mistérios, é descobrir possibilidades variadas, é enfim, ampliar a visão de mundo.

Além dos livros de Literatura Infantil, foram usados outros tipos de materiais impressos tais como: revistas, jornais, letras móveis, o alfabetário, embalagens, gravuras, etc., que também contribuíram para o desenvolvimento do trabalho.

A aplicação do Projeto de pesquisa teve o seu início em

fevereiro do corrente ano, fazendo-se, a priori, um trabalho diagnóstico a fim de se verificar em que condições apresentavam-se os alunos.

Constatou-se que a maioria das crianças já havia tido contato com as letras mas que sentiam um grande bloqueio com relação à oralidade e à expressão escrita.

Foi feito um trabalho de desinibição junto às crianças para que elas perdessem o receio de escrever, com medo de estarem escrevendo errado, ou ainda, para que tirassem de si mesmas o célebre invólucro com que se defendiam constantemente dizendo: "eu não sei escrever", "eu não aprendi", "eu não consigo fazer".

Criou-se dentro da sala de aula um clima de brincadeira e mistério, através do jogo: "é proibido dizer eu não sei", fazendo com que cada uma reencontrasse a segurança tão necessária num processo de aprendizagem.

As crianças foram desafiadas a se comunicarem da maneira que melhor lhes apossassem, não só através do uso da oralidade, como também de códigos previamente combinados como gestos, desenhos ou tentativas de escrita. Através dessa pseudo-brincadeira conseguiu-se, num primeiro momento, um avanço, considerado bastante significativo na comunicação-expressão de cada uma. Aos poucos elas foram entendendo que existem muitas maneiras de se comunicar, e que a escrita é apenas uma delas.

As histórias, cuja função lúdica estava aliada a uma visão questionadora de falsos valores e comportamentos característicos da sociedade contemporânea, muito contribuíram na evolução deste processo.

Através de histórias como "O macaco medroso" ou o "Peixe Pixote" de Sônia Junqueira - escolhidas aqui porque nelas se encontram características literárias expressivas, cuja linguagem adequada e própria contém cada frase uma mensagem subjacente - verificou-se um esforço de libertação, depois de cumprido o seu papel formador, permitindo a assimilação de componentes desejáveis, bus-

cando a criança dentro de si mesma.

Estas e outras obras de Literatura Infantil, ao mesmo tempo que deleitaram as crianças, interessando-as com suas narrações, despertaram sentimentos os mais variados, principais elementos da educação, pois ouvir histórias foi e continua sendo parte integrante da constituição psicológica do ser humano.

Muitas histórias infantis, cuja narrativa era impregnada de riquíssima fantasia, tinham por base elementos tomados do real e como objetivo, discutir os comportamentos sociais, frutos da ideologia dominante sem, no entanto, deixar de lado sua função lúdica.

Estas histórias ajudaram as crianças envolvidas neste Projeto, a saírem de dentro de si mesmas, pois, muitas vezes, identificando-se com algum dos personagens, as crianças conseguiam perceber ou entender melhor a sua realidade. Isso aconteceu, por exemplo, com Peteleco, o macaco da história de Sônia Junqueira, que tinha medo de tudo, até de enfrentar a sua própria situação, comparando-se, depois de um trabalho de conversação, com aquelas crianças que sentiam medo do desconhecido e dos desafios referentes a sua própria realidade.

Outro exemplo é o Peixe Pixote, que nadava com os olhos fechados, não conseguindo olhar as belezas que o rodeavam, descobria depois que este simples gesto o faria descobrir coisas a sua volta que antes não havia visto. A atitude deste personagem foi comparada com o ser humano que fecha os olhos para o seu mundo, vislumbrando belezas num mundo que não lhe pertence.

Muitas crianças, a partir de histórias como estas, conseguiram aos poucos vencer seus próprios medos e inseguranças, procurando enfrentar as dificuldades em situações de sala de aula, saindo do casulo em que estavam até então escondidas.

Os livros de Literatura Infantil, proporcionaram excelente oportunidade para a criança conhecer a língua escrita e a realidade que a rodeia, tornando-se um poderoso auxiliar da apren-

dizagem.

Por este motivo, organizou-se em sala de aula um espaço especial chamado "O canto dos livros" (anexo I) que serviu de estímulo às crianças quanto ao seu manuseio. Ficou estabelecido previamente a "Hora do Conto", quando as crianças tinham a oportunidade de folhear os livros, observar suas gravuras, inventar histórias ou comentar livremente o que viam, desenhando seus personagens e cenários, ou recriando a história com recorte em papéis coloridos, dobradura, modelagem ou material de sucata.

Diariamente, esta hora era destinada exclusivamente à literatura que servia de ponto de partida para outras atividades em sala de aula, como exploração dos conteúdos das áreas de Ciências, Estudos Sociais ou Matemática.

Através da literatura trabalhava-se com um único objetivo: a revisão do mundo. Os alunos tinham o direito de falar e escrever o que queriam, de pintar e desenhar, recriar textos lidos ou ouvidos, de emitir opiniões, criando e transformando as coisas, desafiando o imaginário não só a nível do possível mas também do impossível, do desenho, da sensibilidade, da criatividade do fantástico, do pensamento sem limites, do absurdo ou ilógico. (anexo II).

A principal função da literatura durante este processo, era o destaque da beleza, do encantamento, do envolvimento.

O processo de alfabetização foi acontecendo de forma natural e espontânea, dentro de um clima de confiança, credibilidade e prazer.

O "lidar" com letras e palavras tornou-se algo agradável até mesmo para aquele aluno, há muito tempo considerado problemático e um sério pretendente às classes de tratamento especial.

As crianças lançaram-se à construção do próprio conhecimento com maior motivação, a partir do momento em que compreenderam, em sua essência, o valor social da escrita.

Os livros infantis vieram de encontro às suas necessidades, funcionando como porta libertadora de seus bloqueios e limita

ções.

Há quem afirme que não se deve usar a literatura como "pretexto" para a aprendizagem de conteúdos cognitivos, uma vez que a literatura tem outra conotação e deve ser vista e respeitada somente como "arte", mas não devemos esquecer que a literatura é e deve ser usada como um poderoso instrumento, tornando-se aliada do educador, dependendo do encaminhamento que lhe é dado em sala de aula.

Se encaramos a literatura como forma de arte e, portanto forma de ver e representar o mundo, por que não utilizá-la, então, como forma de aprender conteúdos cognitivos, uma vez que ela os apresenta de forma prazerosa e suave?

Para tanto, o professor deve ter absolutamente claro para si mesmo a verdadeira função da literatura.

Como diz Fanny ABAMOVICH:

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...¹

Este trabalho vem comprovar o que afirma a autora, pois a apreensão de conteúdos cognitivos que fazem parte do currículo básico das séries iniciais do 1º grau (prés e 1ª séries), se deu a partir de histórias que fazem parte da Literatura Infantil, garantindo desta forma, a interdisciplinariedade entre as áreas.

Através da exploração destas histórias, as atividades se deram da seguinte maneira:

1. Leitura da história "A casa Sonolenta" de Audrey Wood.

1. ABAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil. Gostosuras e Bobices. 2 ed. São Paulo, Scipione. 1991. p.17.

Foi explorada, primeiramente, a capa do livro, desenhos da capa, contracapa, autor, ilustrador, paginação, ilustração da história propriamente dita. Depois da leitura da história, foram feitas perguntas para ver se houve entendimento por parte das crianças. Foi conversado sobre os personagens da história (a avó, o menino, o cachorro, o gato, o rato e a pulga). A maioria das crianças gostou mais da pulga, escolhendo-a como personagem principal da história.

Conversou-se em seguida sobre "a casa" como abrigo, aconchego e proteção para as pessoas, enfocando o assunto para os vários tipos de moradia existentes em nossa sociedade e também em outras sociedades (casas de alvenaria, madeira, prédios, etc, assim como: iglus, cavernas, choupanas e palafitas).

Cada criança desenhou a sua casa, assim como as pessoas que moram nela (pai, mãe, irmãos, animais, outros).

A conversa girou sobre o nome de cada criança e em seguida elas copiaram do crachá, o seu nome, embaixo do desenho que representava a sua pessoa.

Em seguida foi retomada a história contada, lembrando o nome do autor, personagens e enredo da história.

Foi explorado o significado de algumas palavras que aparecem na história como: sonolenta, aconchegante, dormitando.

A conversação se conduziu sobre o horário de dormir, o sono como benefício para a saúde no que se refere ao descanso como necessidade do corpo, horário de acordar e importância de acordar cedo. Em seguida conversamos sobre a higiene do corpo quando acordamos (lavar as mãos e o rosto, pentear os cabelos, escovar os dentes, tomar banho, etc.). No dia seguinte foi apresentada, então, para as crianças a música de Vinícius de Moraes "A casa", trabalhando-se a letra, o significado de algumas palavras, o texto em forma de verso e interpretação do texto.

A CASA

Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto, não tinha nada.
Ninguém podia entrar nela não
Porque na casa não tinha chão.

Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não tinha parede.
Ninguém podia fazer pipi
Porque pinico não tinha ali.

Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero.

Foi feita a experiência de trocar algumas palavras da música pelo significado, fazendo-se a pseudo-leitura.

As crianças gostaram bastante desta atividade uma vez que a música ficou completamente diferente.

O LAR

Era um lar muito gozado
Não tinha teto, não tinha nada.
Ninguém podia entrar nele não
Porque no lar não tinha chão.

Foi conversado bastante sobre a letra da música escrita por Vinícius de Moraes, até as crianças chegarem à conclusão do absurdo do texto, uma vez que uma casa com estas características, não pode existir.

Em seguida foi conversado sobre uma casa da nossa sociedade e as partes de que ela é formada: paredes, teto, chão, portas

e janelas, quarto, sala, cozinha e banheiro.

As crianças fizeram então, a dobradura de uma casinha, onde desenharam o telhado, porta e janelas. Esta dobradura foi colocada no caderno, onde elas completaram com desenhos: quintal, jardim, o céu o sol, árvores, etc. (Anexo III).

Foi pedido então que os alunos fizessem oralmente uma história sobre a casa, enquanto esta era escrita no quadro:

A casa e a árvore

Eu morava numa casa e plantei uma árvore.

A árvore cresceu e ficou bonita.

Uma galinha ficava beliscando a árvore.

Esta árvore dava muitas frutas.

As frutas eram maçãs.

A palavra casa foi destacada no texto com giz colorido e pediu-se que as crianças falassem palavras que começassem com a mesma sílaba.

As palavras ditas pelas crianças foram escritas no quadro, destacando-se a primeira sílaba com giz de cor, fazendo-se ao lado o respectivo desenho.

As crianças copiaram no caderno.

Casa

Carro

Caixa

Cadeira

Cavalo

2. Leitura da história "O gato que mudava de casa", de Terezinha Casassanta.

Foi feita a exploração da capa do livro que causou nas cri

anças um certo suspense a figura que mostrava um gato em cima do telhado de uma casa.

Falou-se no autor, ilustrador, editora número de páginas' e contracapa.

Depois de lida a história, conversamos bastante sobre a mesma, levando as crianças a compreenderem o seu conteúdo.

Conversou-se sobre os períodos de um dia, manhã, tarde e noite, que apareceram nitidamente na história, que contava as atividades do gato em cada um deles, comparando com o dia das próprias crianças.

Posteriormente, a folha do caderno foi dividida em três partes iguais e foi pedido que as crianças reproduzissem, em forma de desenho, os seus afazeres em cada período do dia.

manhã

tarde

noite

No dia seguinte foi retomada a história "O gato que mudava de casa", quando conversamos sobre o animal da história: seus hábitos, alimentação e utilidade ao homem como caçador de ratos que prejudicam a saúde. Nesta oportunidade, também foi lembrado que o gato é um animal coberto de pêlos e foi pedido às crianças que fizessem uma lista de outros animais que também são. Esta lista foi escrita no quadro de giz e copiada no caderno pelas crianças:

cachorro

cavalo

onça

porcô

leão

girafa

vaca
boi
etc.

Passou-se então à escrita do título da história no quadro e as crianças no caderno. Cada palavra do título foi construída através da experimentação das letras do alfabeto móvel.

Convém registrar aqui, que as crianças já conheciam a maioria das letras - conhecimento este, adquirido através de outras atividades realizadas para atingir este objetivo - o que facilitou a construção das palavras.

Depois de escrito o título da história, foi pedido às crianças que mostrassem onde estava escrita a palavra gato que foi circulada com giz colorido: O gato que mudava de casa.

Em seguida a palavra gato foi destacada da frase e escrita separadamente num pedaço de cartolina:

ga to

Trabalhou-se com as crianças, então, a construção das outras sílabas, sempre através da experimentação, pedindo-se que elas pensassem em outras palavras que começassem com as sílabas formadas.

Cada palavra dita pelas crianças foi construída com letras do alfabeto móvel e anotada no quadro de giz, fazendo-se uma lista.

No momento que a palavra era dita por uma criança o restante da turma repetia, para que se fizesse a reflexão sobre quais letras faziam parte da palavra. Nesse momento as crianças brincaram com o alfabeto, usando-o como referência, pois repetindo vagarosamente a palavra, elas iam consultando as letras do alfabeto para, então, construí-la.

Os alunos participaram com bastante interesse desta atividade que, para eles, era um jogo, pois todos queriam mostrar as pa

lavras que tinham construído para que fosse anotada no quadro. Posteriormente estas palavras foram copiadas no quadro.

Esta atividade exige do professor bastante domínio de classe para que não haja tumulto, o que dispersaria a atenção dos alunos.

É importante desenvolver, nas crianças o hábito de levantar a mão, cada vez que elas têm uma palavra para dizer ou mostrar depois que ela foi construída.

Esta atividade toma bastante tempo, por isso o professor deve tomar cuidado para que ela não se torne monótona ou cansativa para as crianças.

A seguir foi pedido que as crianças fizessem um desenho livre, incluindo, porém, o desenho do gato numa determinada situação que seria criada por elas. Esta atividade foi retomada no dia seguinte, quando se pediu às crianças que fizessem oralmente comentários sobre o que haviam desenhado.

Cada uma contou a sua história sobre o gato e, em seguida, foi pedido que todos tentassem escrevê-la no caderno. Esta tentativa foi bastante válida, verificando-se o esforço de cada criança em colocar no papel as suas idéias. Em seguida foi escolhido o texto de um dos alunos que escreveu da seguinte maneira: (Anexo IV).

o casoro e o gato

o casoro e o gato sairo de casa

o casoro e o gato brigaro.

Este texto foi reestruturado no quadro de giz tendo sido feitas as devidas correções. Foi explorado o título, chamando a atenção para a letra maiúscula no início da frase assim como a escrita incorreta das palavras, do ponto de vista da língua padrão que, juntamente com o restante da turma, foram reconstruídas depois

de uma reflexão sobre como elas seriam escritas. As crianças copiaram o texto no caderno.

O texto ficou assim:

O cachorro e o gato.

O cachorro e o gato saíram de casa.

O cachorro e o gato brigaram.

Autor: Daniel.

Neste pequeno texto, além da correção das palavras, foi explorado' também a letra maiúscula no título e o início de frases, pontuação no final de cada frase e parágrafo.

Em seguida foram distribuídas revistas para a classe, a fim de que as crianças montassem o título da história que foi reestruturada, pesquisando, recortando e colando as letras formando as palavras no caderno.

Conversamos depois sobre os animais que são cobertos de pêlo e mamíferos.

As crianças desenharam os mais conhecidos no caderno.

No dia seguinte trabalhou-se com as crianças a musiquinha "Atirei o pau no gato".

A música foi escrita no quadro, explorando-se o seu conteúdo. Através de conversação, as crianças falaram sobre os maus tratos contra os animais e tiveram a oportunidade de relatar fatos presenciados por eles, com relação a isso. Cada um queria contar sua história e por isso esta atividade foi muito produtiva, pois houve oportunidade para que cada criança se expressasse oralmente.

Depois foi pedido que elas desenhassem no caderno a histórinha contada nesta música.

Ao final da atividade foi ensinado para as crianças uma nova versão da música, que as crianças cantaram batendo palmas em du

pla:

Não atire o pau no gato
Porque isso não se faz
O gatinho é nosso amigo
Não devemos maltratar os animais.

3. A leitura da história "O peixe Pixote" de Sônia Junqueira:

Exploração da capa e contracapa do livro, autor, ilustração, número de páginas, etc.

Conversamos sobre a história, comentando sobre o personagem principal que nadava com os olhos fechados, sem conseguir ver as belezas do mundo ao qual pertencia. Pediu-se às crianças que, observando as gravuras do livro, vissem o lugar onde o peixinho morava, fazendo um paralelo com o habitat dos outros animais e suas moradias:

Ex.: abelha: colméia

aranha: teia

minhoca: terra

Falamos ainda sobre animais que vivem na água (peixe, baleia, tubarão, etc.) e animais que vivem na terra (cachorro, gato, cavalo, etc) e suas respectivas moradias.

Em seguida, as crianças fizeram um desenho sobre a história e passamos à escrita do título, usando sempre a construção das palavras com a ajuda do alfabeto móvel.

O título da história foi escrito no quadro e uma das crianças circulou o nome do peixe com giz colorido.

Outras palavras foram montadas começando com a mesma letra da palavra Pixote. As palavras construídas foram anotadas no caderno.

Retomando a história, foi introduzido o conteúdo: "Os órgãos dos sentidos", fazendo-se referência sobre qual órgão dos sen

tidos o peixinho deixava de usar no início da história. (visão)

Feitas as explicações necessárias sobre cada um dos órgãos dos sentidos, fizemos a experiência concreta usando cada um deles.

Ex.: Visão: as crianças observaram as gravuras da história, atentamente, vendo cada detalhe e mostrando o que mais lhe chamava a atenção. Logo em seguida as coisas que estavam ao seu redor.

Audição: As crianças ouviram novamente a história e em seguida, outros ruídos, como os que vinham de fora da sala: o som de uma flauta, o latido de um cachorro, etc.

Olfato: foi levado para a sala de aula um vidro de perfume para que as crianças sentissem o seu aroma e foi aproveitado também o aroma vindo do lanche que logo em seguida foi servido para os alunos.

Paladar: o sabor do próprio lanche que neste dia era uma sopa de caldo de feijão e em seguida foram distribuídas balas para que as crianças sentissem o seu sabor adocicado.

Tato: sentiram a maciez do algodão, a aspereza da parede da sala e a textura lisa da carteira.

Conversamos bastante sobre o assunto e depois foi pedido para que as crianças desenhassem no caderno as partes do corpo que representavam esses órgãos.

No dia seguinte a história foi retomada e foi feita a construção do título da história com letras pesquisadas em revistas e coladas no caderno.

Em seguida foi colocado no caderno das crianças o carimbo de um peixinho para que elas desenhassem o lugar onde o peixinho morava.

Partindo desta atividade, foi feita a produção de um texto coletivo que as crianças copiaram no caderno. (Anexo V).

Na continuidade houve conversação sobre o peixe da história e sobre outros animais que têm o corpo coberto de escamas ,

penas e pêlos, habitat característico de cada um, alimentação, etc.

Explorou-se, também, o significado de algumas palavras da história como : infeliz, breu, margem do rio.

Com as letras do alfabeto móvel as crianças tentaram montar a palavra "peixe". A partir dessa palavra, montaram outras iniciadas pelas sílabas: pa, pe, pi, po, pu.

Essas palavras foram anotadas no quadro pelas próprias crianças e em seguida copiadas no caderno.

Posteriormente, as crianças escreveram alguma coisa sobre o peixinho da história.

4. Leitura da história "Chuva" de Mary França:

Antes da leitura da história houve um trabalho de observação da capa do livro, contracapa e ilustração da história, explorando-se o título, nome da autora, paginação, etc, para em seguida se fazer a leitura propriamente dita. Após comentários sobre o que foi lido, passou-se à verificação do significado de algumas palavras, como o nome de alguns animais que aparecem na história, pouco conhecidos das crianças tais como: tico-tico, siri, gaiivota. Depois das devidas explicações sobre as espécies de cada um, onde vivem, de que se alimentam.

As crianças partiram para a construção destas palavras, usando as letras do alfabeto móvel e posterior transcrição no caderno.

Durante a conversação sobre esses animais, as crianças observaram gravuras de cada um deles, para maior enriquecimento do trabalho.

Convém aqui mencionar que a exploração deste livro levou vários dias até se realizarem todas as atividades propostas.

Durante a interpretação da história, houve discussão sobre os acontecimentos que envolveram "Ana", a menina da história, e as coisas que ela pode observar através de uma janela, enquanto olhava a chuva.

As crianças reconstruíram o livro de história, escrevendo e fazendo suas próprias ilustrações. Folhas de papel sulfite foram cortadas e grampeadas para se fazer esta atividade, que foi bastante produtiva, pois as crianças vivenciaram a experiência de confeccionar um livro de história desde a sua capa, escrita e ilustração, até o seu acabamento final, através da pintura dos desenhos. (Anexo V).

Sempre através da conversação e comparando com a realidade vivenciada pelas crianças, chegou-se a verificação da importância da chuva na vida dos seres vivos: pessoas, animais e plantas que não existiriam se não acontecesse esse fenômeno da natureza.

Nesta etapa, verificou-se a curiosidade das crianças em saber "como a chuva fica dentro das nuvens" e "porque elas caem lá do céu", oportunidade em que se esclareceu como a chuva se forma, formação das geadas, granizo e neve (Anexo VII).

Coincidentemente, esta história foi trabalhada numa semana em que choveu bastante, causando, inclusive enchentes desastrosas em nosso Estado.

Aproveitando as notícias transmitidas pela televisão, trabalhou-se em sala de aula os benefícios da água com relação à higiene, alimentação, etc, e malefícios causados pelas chuvas, o problema do desequilíbrio ecológico e as ameaças que isso causa ao nosso planeta.

As atividades realizadas foram realizadas sempre à nível de conversação e desenhos confeccionados pelas próprias crianças.

Os alunos trouxeram de casa, notícias recortadas dos jornais sobre o assunto em questão, fazendo-se um painel em sala de aula.

Justamente nesta época estava também acontecendo na cidade do Rio de Janeiro a Eco 92. Aproveitando a oportunidade, foi explorado este conteúdo de forma bastante rica, pois o tema foi

amplamente divulgado por revistas, jornais e televisão.

As crianças tiveram a oportunidade de manipular o globo terrestre, obtendo a noção de como é o nosso planeta. Através de dramatização feita pelas crianças, tiveram, também, a noção dos movimentos da Terra e de seu satélite.

Esta atividade realizou-se da seguinte maneira: enquanto uma das crianças representava o sol, outra representava o planeta Terra, fazendo os movimentos de rotação e translação e, uma terceira, representava a lua. Desta forma, as crianças viram como se dá os movimentos feitos pelo nosso planeta, ficando claro também como se dá o dia e a noite e as fases da lua.

As crianças confeccionaram em sala de aula, um painel representando a face da Terra e os elementos que aí se encontram: pessoas, animais, plantas, casas e outros elementos criados pelo homem ou pela natureza, recortando figuras de revistas.

Esta atividade foi muito produtiva e ilustrou de forma bastante específica todos os conteúdos trabalhados anteriormente.

A reação dos alunos frente a estas atividades foi interesse e curiosidade, criando-se um clima de discussão em cada assunto abordado, pois cada criança queria contar sobre notícias que ouviu ou experiências que vivenciou relativas a esse conteúdos.

Outras histórias como estas foram também exploradas relacionando o seu conteúdo com os conteúdos cognitivos que deveriam ser trabalhados em sala de aula.

As crianças, de posse de informações desse tipo, tornaram-se capazes de entender, assimilar e criar seus próprios textos, demonstrando que a literatura é um recurso da mais alta importância dentro da sala de aula.(Anexo VIII).

É a partir do material escrito, através de todos os veículos disponíveis que a criança elabora suas hipóteses de aprendizagem. A tarefa da escola é de trazer o mundo da leitura e da escrita para a sala de aula e aproveitar ao máximo a experiência de cada criança, sua vivência e seu conhecimento.

Isso vem de encontro ao que afirma Fanny ABRAMOVICH , quando defende a idéia de que se deve contar histórias para as crianças sempre e sempre, qualquer história:

...comprida, curta, de antigamente ou dos dias de hoje, contos de fadas, de fantasmas, realistas, lendas, histórias em forma de poesia ou de prosa...Qualquer uma , desde que ela seja bem conhecida do contador, escolhida porque a ache bela ou boa, porque tenha uma boa trama , porque seja divertida ou inesperada ou porque dê margem para alguma discussão que pretende que aconteça, ou por que acalme uma aflição... O critério de seleção é do narrador... e o que pode suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças, o momento que estão vivendo, os referenciais de que necessitam e do quanto saiba aproveitar o texto (enquanto texto e enquanto pretexto)?

As crianças, diante de situações como estas apresentaram as mais diferentes reações tais como: alegria, surpresa, medo, aflição, demonstradas através de comentários durante a própria narração, ou mesmo expressões faciais que mostravam claramente reações positivas ou negativas, conforme a história que lhes era apresentada. Por exemplo em "Risadinhas, o piolho", de Ronaldo Simões Coelho, percebeu-se nitidamente o quanto as crianças se identificaram com a menina da história, cuja situação lhes era comum, uma vez que convivem diariamente com questões como a falta de higiene. A história é cheia de humor, enfocando o problema naturalmente, sem expor a personagem principal ao ridículo, envolvendo-a sim, numa trama particularmente engraçada, provocando uma reflexão da própria realidade das crianças e conscientização de que a falta de higiene é prejudicial à saúde.

Em "A boca do sapo" de Ziraldo, verificou-se uma reação

2.ABAMOVICH, Fanny. A Literarura Infantil. Gostosuras e Bobices. p.20.

de incredulidade, uma vez que o personagem principal se mostra um grande aproveitador com relação aos outros animais que também iam à festa no céu.

Em "Aladim e a lâmpada maravilhosa", a reação foi de expectativa, suspense e aflição em saber qual seria o destino da princesa e do próprio Aladim, o herói da história.

Em "A margarida friorenta" de Fernanda de Almeida, as crianças tiveram reação de tristeza, penalizadas com a situação da personagem, abandonada ao relento, sozinha e indefesa, sem carinho; havendo uma comparação com as crianças que são abandonadas nas ruas, mostrando a realidade do nosso país.

Foi interessante observar o comportamento dos alunos diante das histórias trabalhadas em sala de aula, como também diante daquelas, lidas por eles mesmos.

Algumas crianças demonstraram bastante interesse pelo mundo dos livros e das histórias; outras porém, se detinham mais na parte estética, procurando aqueles livros com gravuras grandes e bastante coloridas.

Outra coisa interessante que se pode observar, que as crianças gostam mais quando a professora narra ou lê as histórias, do que quando as ouvem num toca discos; tal foi o caso da história: "A formiguinha e a neve", que apesar de ser muito bonita, não prendeu a atenção dos alunos que se dispersaram, conversando enquanto a escutavam. No entanto, quando da apresentação da peça de teatro, onde se contou a história de "Pluft" o fantasma, a reação foi totalmente positiva, despertando o interesse das crianças pelo enredo da história e interesse em saber como esta iria terminar.

Isto significa que a parte visual é da mais alta importância para as crianças que estão nesta fase, tornando-se ponto de referência para a aprendizagem. É vendo que elas reagem de forma mais positiva frente à aprendizagem. É a fase do concreto, do real, do visível e do palpável.

CONCLUSÃO

Depois de três meses de aplicação do projeto, constatou-se que até mesmo aquelas crianças que apresentavam dificuldade na construção de textos e na leitura, sentiram-se com maior liberdade e segurança no que se refere à escrita e leitura dos seus próprios textos. (Anexo IX).

Percebeu-se nas crianças maior confiança em lidar com letras e palavras na tentativa de comunicar suas idéias e nenhuma delas negava-se em tentar escrever. Percebeu-se, também, maior cooperação, pois os trabalhos realizados em grupo, colocavam-nas em situações de constante troca de informações, possibilitando que uma auxiliasse a outra em suas dificuldades, percebendo-se claramente esta relação de ajuda e de troca de conhecimentos.

A total integração no processo de aprendizagem se fez visível a partir do momento em que algumas crianças começaram a se libertar de vícios adquiridos em anos anteriores, bloqueadores da construção do conhecimento, transmitindo aos demais colegas a segurança necessária para o desenvolvimento do processo.

Como já foi citado, a literatura serviu como suporte para que isso acontecesse, despertando o interesse e atenção dos alunos, motivando-os e tornando-os mais seguros e autênticos quanto a sua aprendizagem.

A apreensão dos conteúdos cognitivos se deu de forma suave e prazerosa, tornando-se de fácil assimilação por parte das crianças.

O interesse pelos livros e leitura dos mesmos foi acontecendo de forma espontânea e sem pressões ou cobranças por parte da professora.

A alfabetização ocorreu de forma natural sem que as cri-

anças sentissem tanta dificuldade como era o costume no início de cada processo.

A aplicação deste projeto possibilitou o desenvolvimento dos conteúdos do Currículo Básico da 1ª série do 1º Grau, baseada na construção do conhecimento feita pela própria criança, que busca por si só os caminhos inerentes à sua aprendizagem.

Percebeu-se claramente, que as crianças tornaram-se mais criativas e críticas na produção dos seus próprios textos e que a apreensão do código escrito se deu mais rapidamente do que na aplicação de outros processos de alfabetização.

O interesse despertado pelas histórias, fez com que as crianças estivessem em contato direto com a escrita, fazendo com que aprendessem de forma mais fácil, a escrita correta das palavras.

O uso do alfabeto móvel na construção das palavras, tornou-se um poderoso auxiliar, facilitando a compreensão de como estas se constroem.

A pesquisa das letras em revistas, jornais, embalagens, etc, ajudaram no reconhecimento das mesmas no alfabeto e, conseqüentemente, na formação das palavras.

Os resultados do processo vivenciado por esses alunos foram os mais positivos, cujo produto final pode ser comprovado através dos anexos que fazem parte deste trabalho e que podem ser avaliados e julgados pelo próprio leitor.

Sugerimos, caso haja interesse na aplicação deste projeto, que o professor, em primeiro lugar, forme, dentro da sua sala de aula, uma mini-biblioteca, com uma bibliografia bastante variada e de interesse dos alunos. É importante, outrossim, que os conteúdos dos livros de literatura sejam do prévio conhecimento do professor para que ele saiba aproveitar todas as oportunidades que porventura possam surgir, provocadas por esses mesmos livros.

O professor deve, também, criar oportunidades em sala de aula, para o manuseio livre desses livros para que se desperte na-

turalmente nas crianças , o desejo de ler.

Ao narrar ou ler histórias o professor deve criar suspenses através da entonação da voz ou expressões faciais para despertar maior interesse das crianças.

O professor deve aceitar sempre a sugestão dos alunos quanto à leitura de alguma história.

Outro aspecto positivo a ser incentivado, é que os alunos trabalhem sempre em grupo para que possam trocar informações e para que haja maior envolvimento entre os mesmos.

As atividades devem despertar o real interesse dos alunos para que não se tornem enfadonhas, comprometendo o desenvolvimento do processo.

O professor, procurando valorizar sempre o trabalho realizado pelos alunos, incentiva-los-á com relação à produção de seus próprios textos.

Quanto à reestruturação dos textos no quadro de giz, deve ser com a prévia autorização do aluno, respeitando sempre a sua vontade.

Outro aspecto a ressaltar é que o ambiente em sala de aula seja aconchegante, demonstrando organização e limpeza, fazendo com que o aluno se sinta bem e gostem de permanecer em sala de aula.

O material de sala de aula como: revistas, jornais, embalagens, sulfite, cola, tesoura, cartolina, lápis de cor, material de sucata, etc, deve ser de preferência, variado e em quantidade suficiente para que as atividades sejam desenvolvidas com êxito.

O professor deve motivar sempre para que os trabalhos feitos pelas crianças tenham boa apresentação , para que elas criem o hábito de realizar suas atividades da melhor maneira possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor, desde o início do ano letivo, deve ler muitas histórias para seus alunos, a fim de colocá-los em contato com a leitura.

Sendo o professor um bom leitor, vai, conseqüentemente, ensinar as crianças a interagirem com o texto, investindo no elemento surpresa, no humor e na fantasia, fazendo com que elas sintam-se atraídas pelos livros.

Cabe a escola criar espaços para que as crianças, através da leitura, possam conviver com o mundo da escrita, podendo sentir este mundo a nível do emocional, do sensível, do compreensível.

A literatura infantil vem suscitar emoções diversas. Penetra na alma das crianças fazendo vibrar a sua sensibilidade, encerrando mensagens de amor, de bondade e de compreensão.

As histórias infantis são os primeiros passos na formação moral, social e literária das crianças. Ela dá continuidade ao aprendizado da linguagem oral e ao início da linguagem escrita, das tradições e dos anseios de um povo na marcha para o desenvolvimento.

A literatura, mais do que nunca, continua tendo uma função primordial na formação das crianças, atingindo o que há de mais profundo no ser humano, que são as emoções.

Ela se perpetua, porque tem um compromisso com todas as gerações, com a divulgação de idéias que, apesar das transformações sociais, mudanças políticas e culturais, continuam válidas na certeza de que, com elas, a vida torna-se possível de ser vivida.

A escola deve, portanto, fazer uso deste instrumento - a

literatura - para o aluno tenha acesso aos bens culturais e possa usufruí-los em seu próprio benefício, transformando-se em um ser capaz de cuidar de sua formação permanente.

A literatura infantil influi em todos os aspectos da educação do aluno. Assim, nas três áreas vitais do homem (atividade, inteligência e afetividade) em que a educação deve promover mudanças de comportamento, a literatura infantil tem meios de atuar. Ela é motivadora da alfabetização porque promove as condições para a construção de textos espontâneos.

É a partir dos resultados do trabalho com a literatura que a leitura se instala como vivência da criança, como habilidade que ela pode controlar e desenvolver com o transcurso do tempo.

Se desejamos abrir o mundo da plena alfabetização às nossas crianças, aquilo que elas devem ler, desde o início deve ajudar à compreensão de si próprias e de seu mundo. Os textos escolhidos devem conter trechos que tenham significado e mérito literário ao mesmo tempo.

A partir deste tipo de leitura, a criança inicia seu progresso em direção a uma alfabetização sempre e cada vez mais plena de sentido.

Para o professor é indispensável compreender que o aluno é sujeito de sua própria aprendizagem, que conheça o processo de aquisição da leitura e da escrita, que respeite as diferenças de ritmo, as produções dos alunos, procurando entender que os erros cometidos são tentativas de acerto. O aluno não pode errar o que ainda não sabe. O conhecimento da leitura e da escrita é um processo de construção por parte da criança.

Os erros iniciais que constituem tamanho fardo para as crianças e despertam no professor tantas dúvidas, passam a ser compreendidos como naturais e até necessários. Ao iniciar-se na escrita é esperado que a criança cometa muitos enganos. Atribuir-se esses enganos a sérios distúrbios de aprendizagem, é não reconhecer os verdadeiros distúrbios de como ensinar, o que vem a-

contecendo quando se tenta reduzir o trabalho com a escrita a, por exemplo, exercícios de cópia e ditado.

Seja qual for o material que o professor escolha, deve sentir-se seduzido pela idéia de iniciar suas crianças no contato com a leitura e a escrita.

O sentido de adquirir novos conhecimentos, como ler e escrever, deve estar associado à possibilidade de encontrar prazer em tais atividades. Tanto o professor como o aluno, devem "viver" a experiência da descoberta desse processo.

Uma vez que o professor compreende como se dá a aquisição da leitura e da escrita, pode tornar a tarefa de alfabetizar' agradável para o aluno e para si próprio. Saber acompanhar os caminhos que as crianças percorrem para aprender a ler e a escrever pode ser uma aventura fascinante para o professor. Compartilhar dessa experiência é compartilhar de um momento muito importante da vida de uma pessoa. Mas para isso, além de entender o que acontece na vida das crianças dentro e fora da escola, é preciso que o professor dê chances , para que cada uma delas, possa se expresar na escrita e utilizar a leitura de maneira tão natural como a deixaram aprender falar.

A maior herança que a escola pode deixar a um aluno é a capacidade de ler e o gosto pela leitura. Se o aluno passar pela escola e aprender pouco, mas for um bom leitor, ele terá nos livros uma prolongação da escola e poderá se desenvolver muito além do que a escola esperaria de um aluno ideal.

Uma leitura não é feita apenas quando o aluno descobre, por si só, o que o autor escreveu. Quando ele ouve alguém lendo participa também dessa atividade como leitor. Contar histórias na infância é, sem dúvida, um modo muito eficaz de introduzir as crianças no mundo da escrita e da leitura.

Ouvindo histórias, as crianças vão se familiarizando com o estilo da linguagem escrita com as estratégias de interpretação da leitura, e com as formas de prestígio da língua o que facilita

rá, enormemente , a tarefa da alfabetização.

Desde os primeiros dias de aula, os livros de literatura deverão estar presentes em sala de aula, para serem lidos, discutidos, comentados com as crianças para que elas entrem num mundo que provoca muitas emoções e entretenimentos.

O texto literário é, sem dúvida alguma, um instrumento de criação e expressão estética que remete ao imaginário a partir do signo escrito e nesse sentido, o professor (como interlocutor privilegiado) deverá conduzir a classe a transpor o mundo das palavras e ir além do dito, além das letras.

Em nosso trabalho com a leitura, não podemos perder de vista duas dimensões que devem estar sempre em equilíbrio: a leitura por prazer, sem cobranças e a leitura enquanto pretexto para outras atividades. Não podemos então abrir mão em nenhum momento do espaço destinado à leitura e, por isso, os livros de história devem estar sempre presentes na sala de aula para a criança ter acesso, mesmo sem interferência do professor.

É essencial, também perceber que todo texto tem como finalidade veicular uma idéia e, nossa tarefa enquanto leitores é desvendá-la. E isso é muito mais do que identificar personagens ou detalhes, é ler também o que não é dito, mas está nas entrelinhas; é relacionar o que estamos lendo com aquilo que já vimos ou já lemos em outros textos; é enfim, concordar ou discordar estabelecendo uma relação de diálogo com o texto e seu autor. E essa relação será cada vez melhor na medida em que a criança tiver mais experiências significativas com o texto.

Além disso, a leitura de bons textos pode suscitar a produção de outros. Quando a criança vai escrever é importante que tenha clareza de que seu texto tem uma finalidade e um interlocutor, pois esses elementos determinam, inclusive, o tipo de linguagem que ela escolherá.

A figura do professor deverá ser a de orientador, mediador, parceiro e cúmplice dos trabalhos escolares e não mais a figu-

gura distante e autoritária que detém um saber a ser repassado unlateralmente.

É nesta relação que o professor conduzirá o aluno a construir e reconstruir com ele o saber, intervindo no momento certo , num trabalho de trocas recíprocas, onde as relações interpessoais' e de interlocução são muito mais do que fazer tarefas escolares , chegando a ser um emaranhado da própria vida de cada um.

É ele o adulto experiente e responsável pela mediação , interação e interlocução. É ele que deve propor atividades para possibilitar a apropriação do conhecimento, do saber sistematizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil. Gostosuras e Bobices. São Paulo, Scipione, 1989.
- AIMEIDA, Fernanda Lopes. A curiosidade premiada. 8ª ed. São Paulo, Ática, 1983.
- ALAMEIDA, Fernanda Lopes. A Margarida Friorenta. 6ª ed. São Paulo, Ática, 1985.
- BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos Contos de Fadas. 3ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- COELHO, Nelly Novaes. A Literatura Infantil. 3ª ed. São Paulo, Quirón, 1987.
- COELHO, Ronaldo Simões. Risadinha. O Piolho. Belo Horizonte, Editora Lê S/A, 1988.
- COELHO, Ronaldo Simões. Tia Delica. Belo Horizonte. Editora Lê S/A, 1988
- CADERNOS DE PESQUISA, ALFABETIZAÇÃO. Literatura Infantil para crianças que aprendem a ler. Fundação Carlos Chagas, fevereiro, 1985. nº 52.
- CUNHA, Maria Antonieta antunes. Como Ensinar Literatura Infantil. 3 ed. Discubra, São Paulo, 1974.
- FRANÇA, Mary. Chuva.
- FRANÇA, Mary. O Barco.
- FRANÇA, Mary. O Vento.
- HELD, Jaqueline. O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica. 2ª ed. São Paulo, Sumus, 1980.
- JORNAL DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. A Escola Aberta. nº 12 agosto, 1988.
- JUNQUEIRA, Sônia. O macaco medroso. 3ª ed. São Paulo, Ática, 1988.
- JUNQUEIRA, Sônia. O Peixe Pixote. 4ª ed. São Paulo, Ática, 1988.
- KHÉDE, Sônia Salomão. Literatura: Arte, Ciências e Filosofia. Vozes, Petrópolis, 1984.

- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. Um Brasil para Crianças: para crianças: para conhecer a Literatura Brasileira, autores e textos. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1985.
- LUNA, Cristina. Sapo Sapeca. 3ª ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S/A, 1987.
- MACHADO, Evely M. & BARRA, Vilma M. O Ensino nas séries iniciais do 1º Grau. Reflexões e Propostas. Scientia et Labor, Curitiba, 1990.
- MACHADO, Maria Clara. Pluft, o fantasminha.
- MACHADO, Ana maria. A Velhinha Maluquete. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S/A, 1986.
- MEIRELES, Cecília. Problemas da Literatura Infantil. 2ª ed. São Paulo, Summus, 1979.
- MONTEIRO, Conceição P. & OLIVEIRA, Maria Helena. Didática da Linguagem. Como Aprender. 5ª ed. São Paulo, Saraiva, 1982.
- ROCHA, Ruth. Aladim e a lâmpada maravilhosa. 3ª ed. São Paulo, Global, 1988.
- SANCHES, Garcia J. L. O Tigre. Ediciones Altea S/A, Madri, 1979.
- TENÊ. A Galinha. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1978.
- TENÊ. A Flor. 4ª ed. São Paulo, Ática, 1984.
- ZILBERMAN, Regina. A literatura Infantil na Escola. São Paulo, Global, 1987.
- ZILBERMAN, Regina & MAGALHÃES, Lígia Cademastori. Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação. 3ª ed. São Paulo, Ática, 1987.
- ZIRALDO. A boca do sapo.
- WOOD, Audrey. A casa sonolenta. 3ª ed. São Paulo, Ática, 1991.

Trabalhos realizados no início da aplicação do Projeto para
verificação dos níveis de aprendizagem.

mauricio

mauricio

mauricio

mauricio

Andrio



Andrio

Andrio

Andrio

mauricio

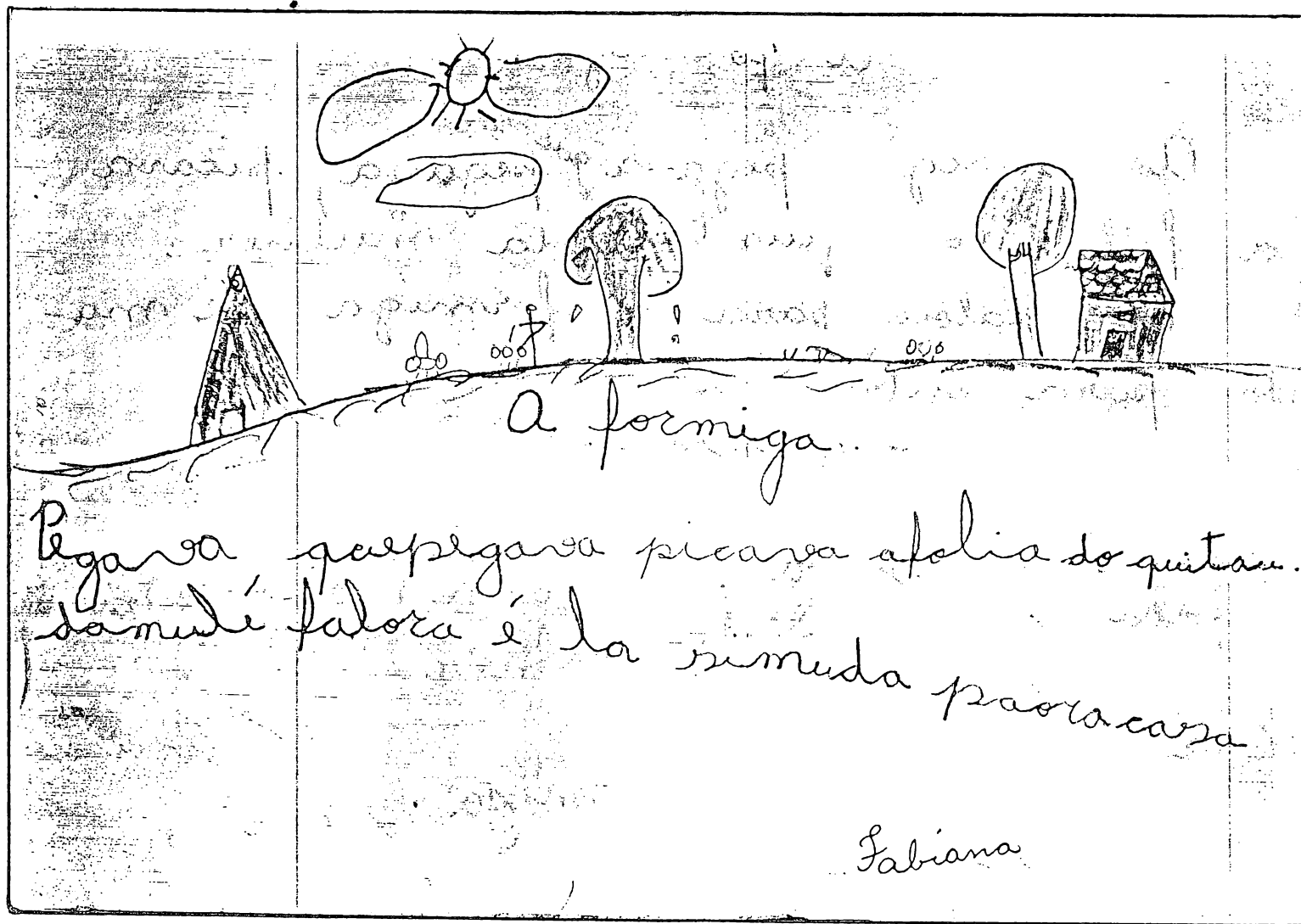
mauricio

O gato quem de casa.

O gato vigia quem muda casa.

O gato foi um dia para mal e está

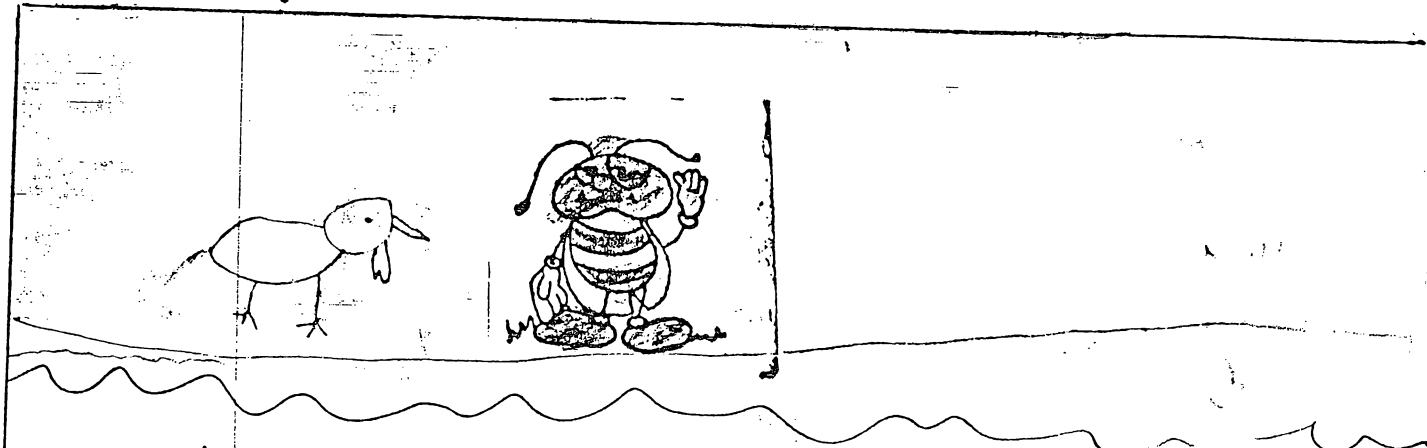
Fabiana



A formiga...

Pegava que pegava picava a folia do quitau.
da mudé falora é la sumuda pra ora casa

Fabiana



— Era uma vez uma barata que
se enfeitou.
— Igual pessoa a barata falou:
— Que jeito você fala?
— Como eu eu.

— meiga

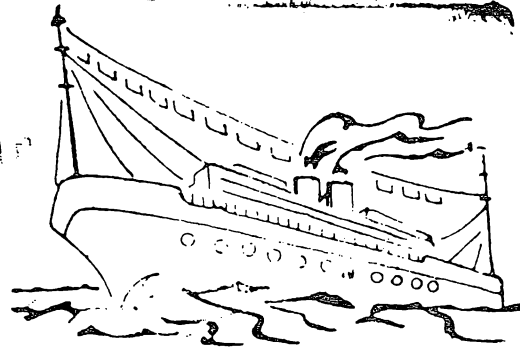
1851

1. O marinheiro tinha
um marim.

O navio tinha um leão

e ele estava no mar e ele parecia
no mar e de

o marim
levar de um



leão um pit
e ele foi morto

Emerson

En

Era uma
ele tava
dorêu e de



O passarinho.
ness um Kararicho
vuãodo mesêu e ele caiu
Pgiusopuwa e o menino autors.
Fáblio

Anexo I

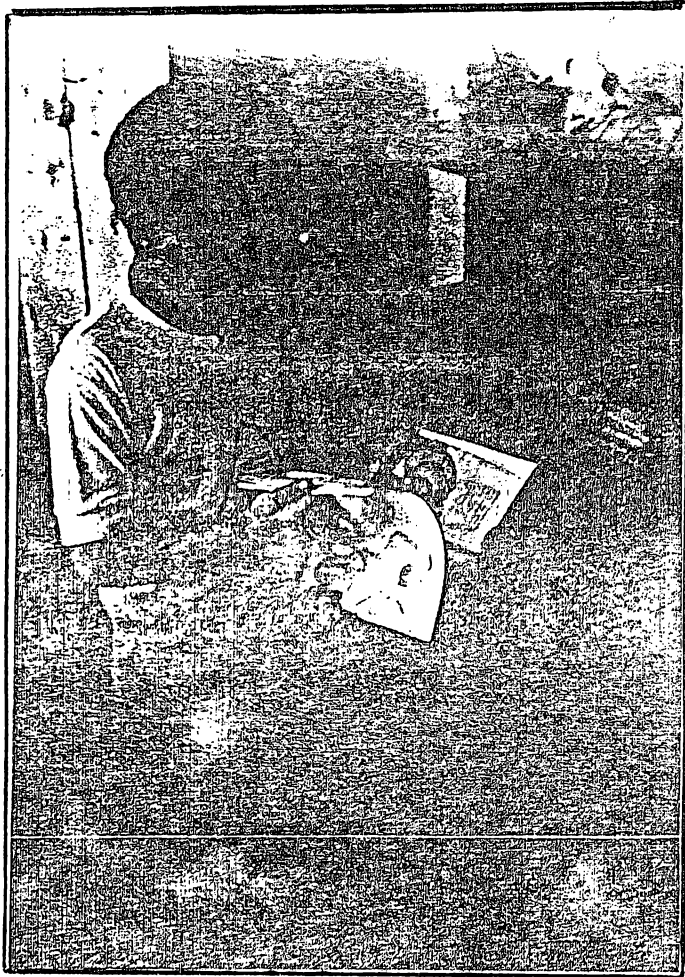


fig. 1



fig. 2

Anexo II

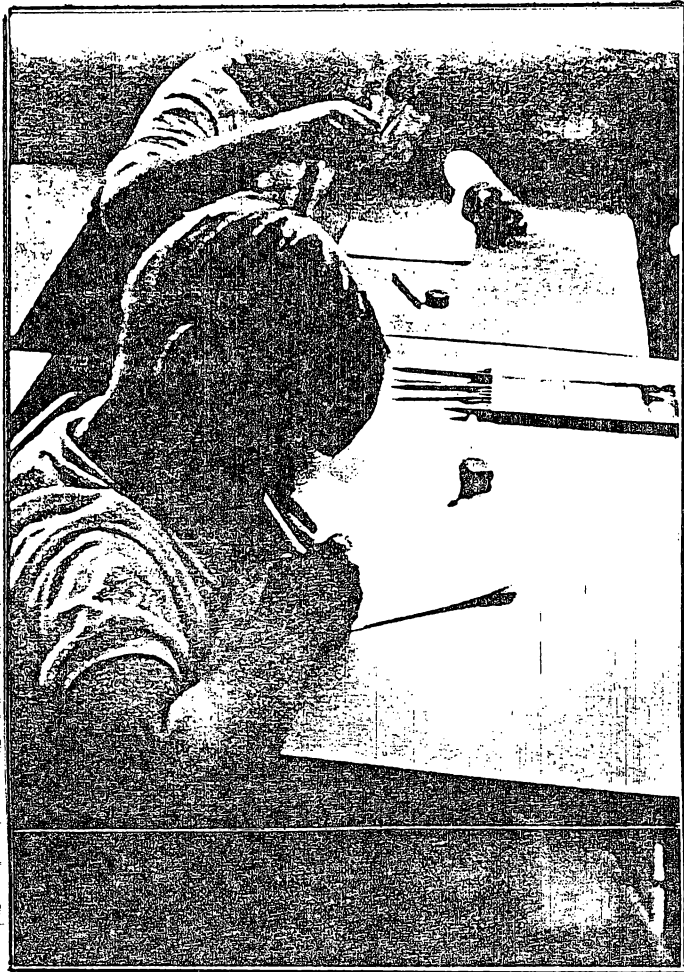


fig. 3

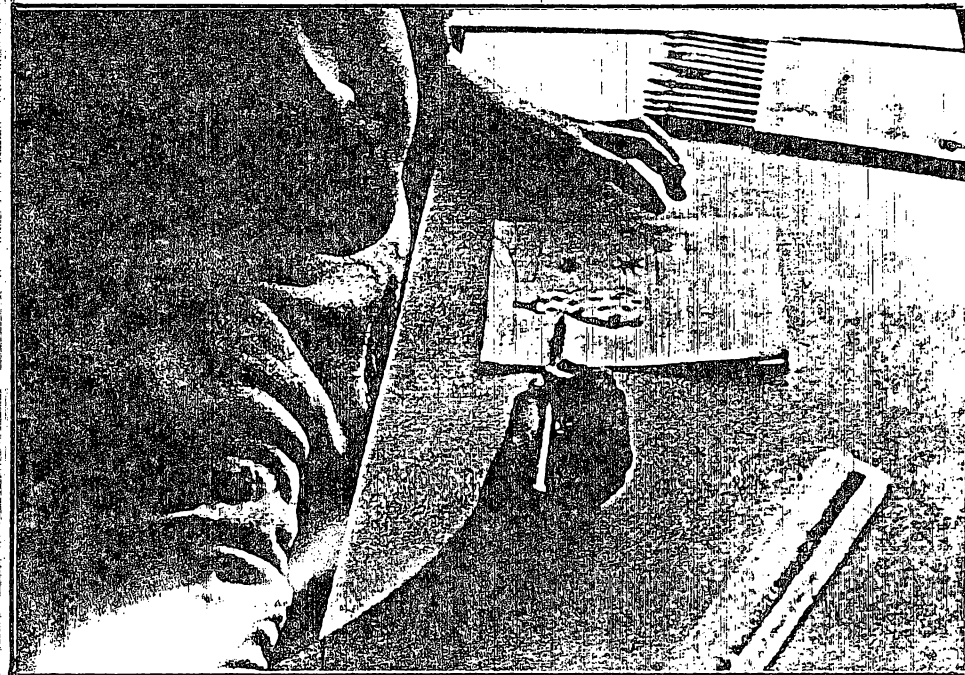


fig. 4

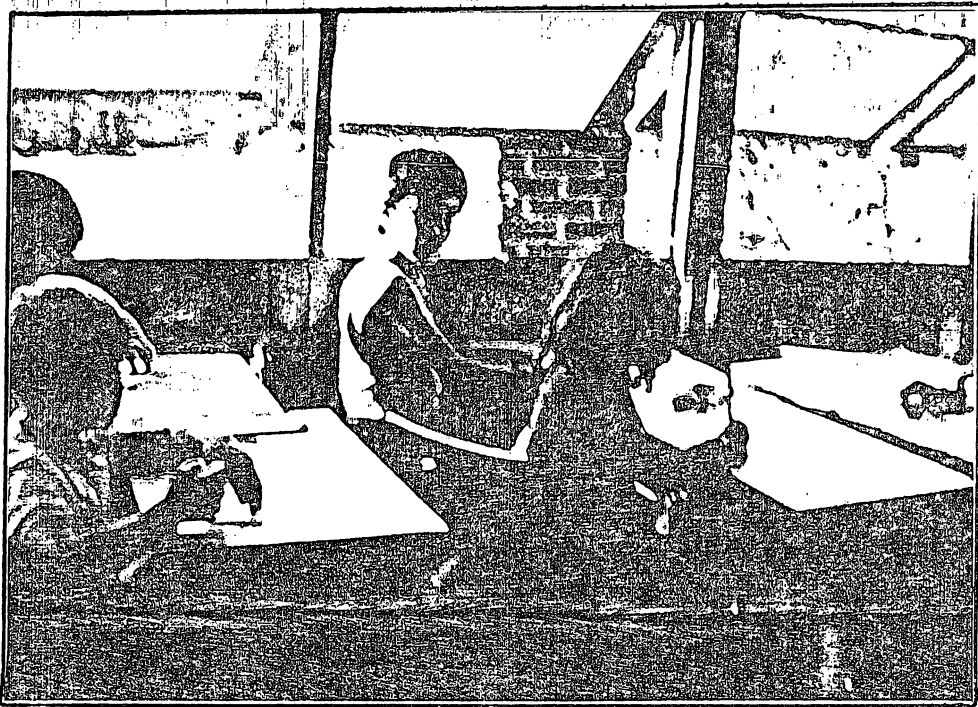


fig. 5



fig. 6

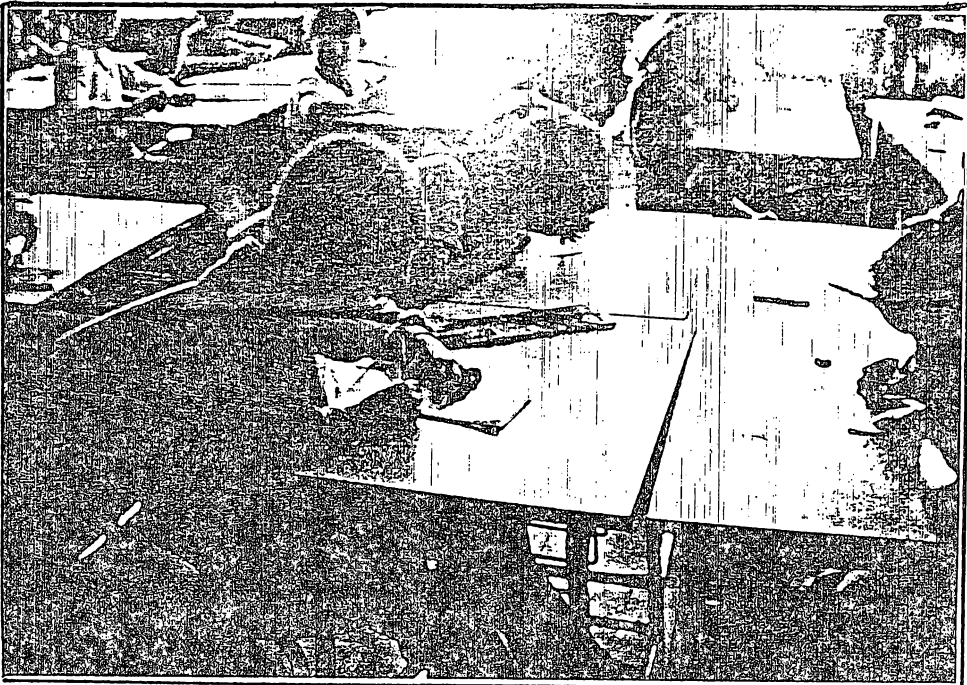
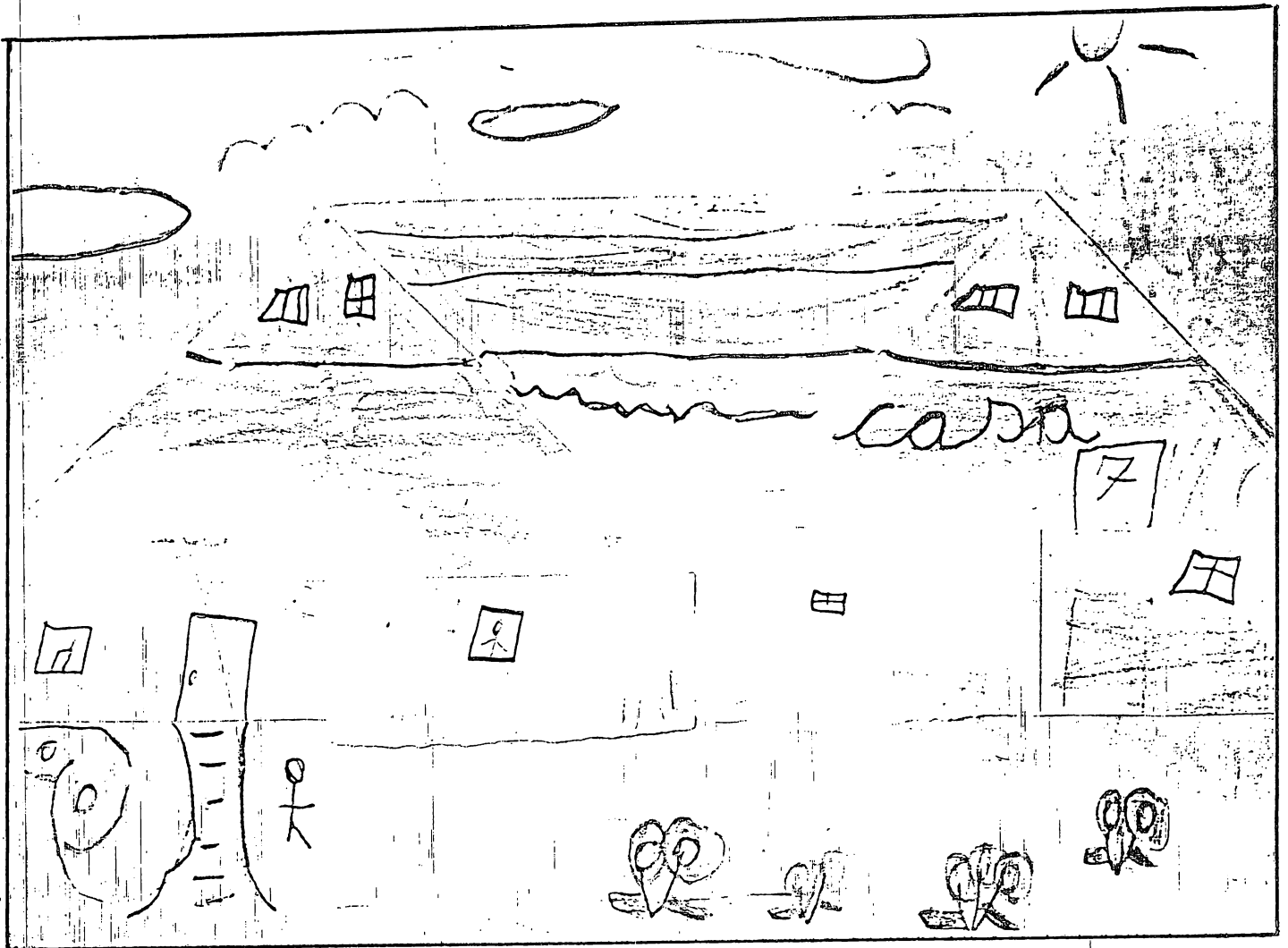


fig. 7



A casa e a árvore.

Eu morava numa casa e
havia uma árvore e da árvore

a galinha ficava descendo a árvore.

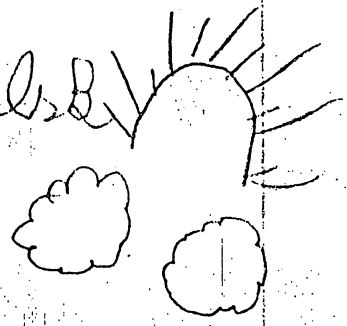
A árvore dava frutas.

As frutas eram maçãs.

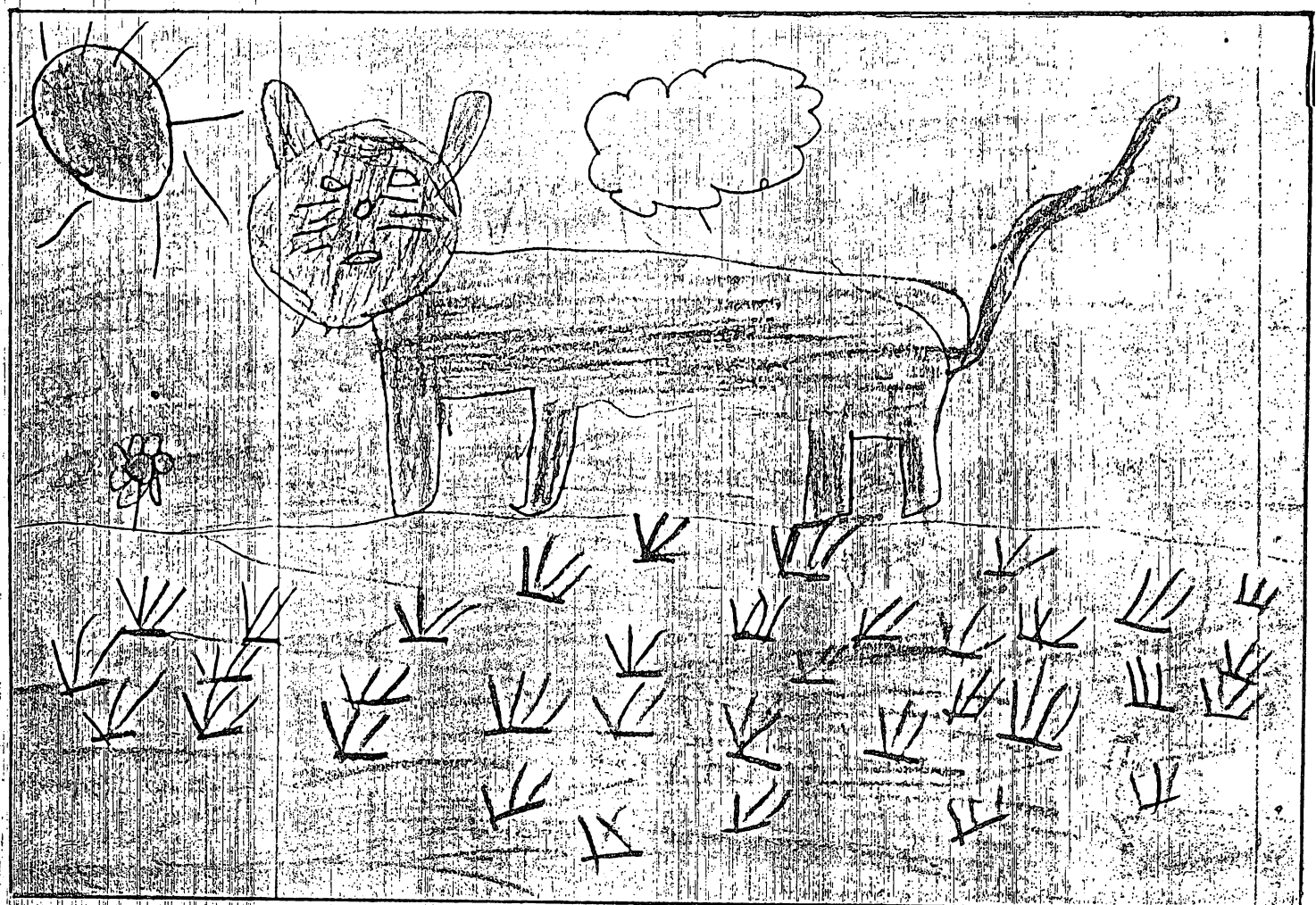
Escola M. M. Sra. da Luz,
Curitiba, 12 de março de 1992
Hoje é quinta - feira

Marcilio Cristóbal

O gato do caroro
um dia o gato saiu
do caroro.



Luciano



o gato.

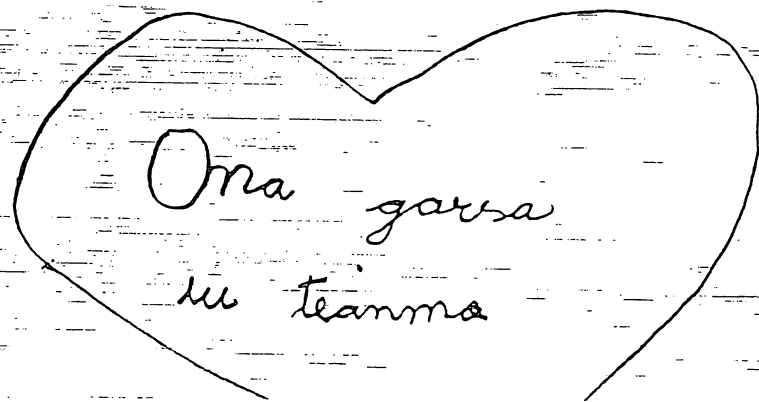
o meu gato o meu gato ele era inconfundível

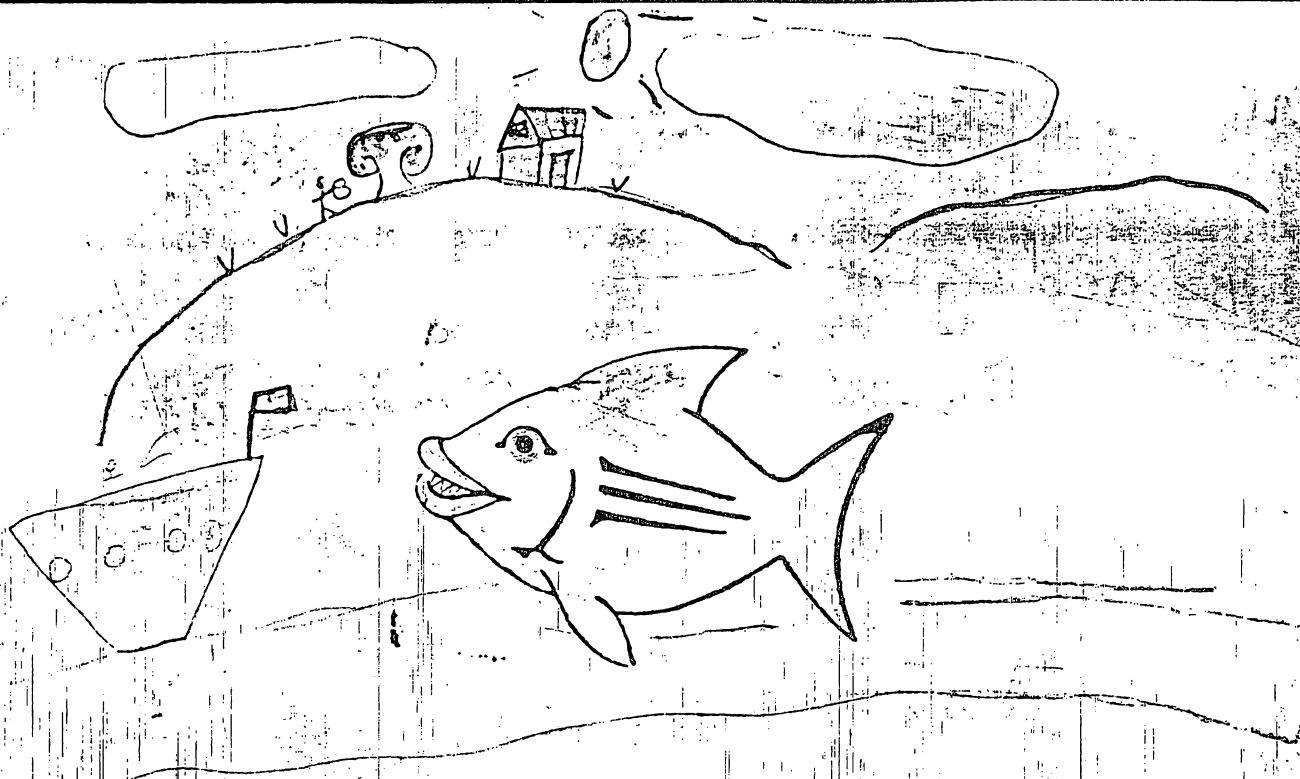
o meu gato vivia dando com bolotas

o meu gato foi na casa ele fazia coisa para a minha mãe a minha mãe comia os dedos de

destruiu e um dia ela matou o meu gato.

eu peguei outro gato mas não era o mesmo gato e fiquei muito triste.





O peixe Pixote.
Era uma vez um peixe que nadava
de olhos fechados.

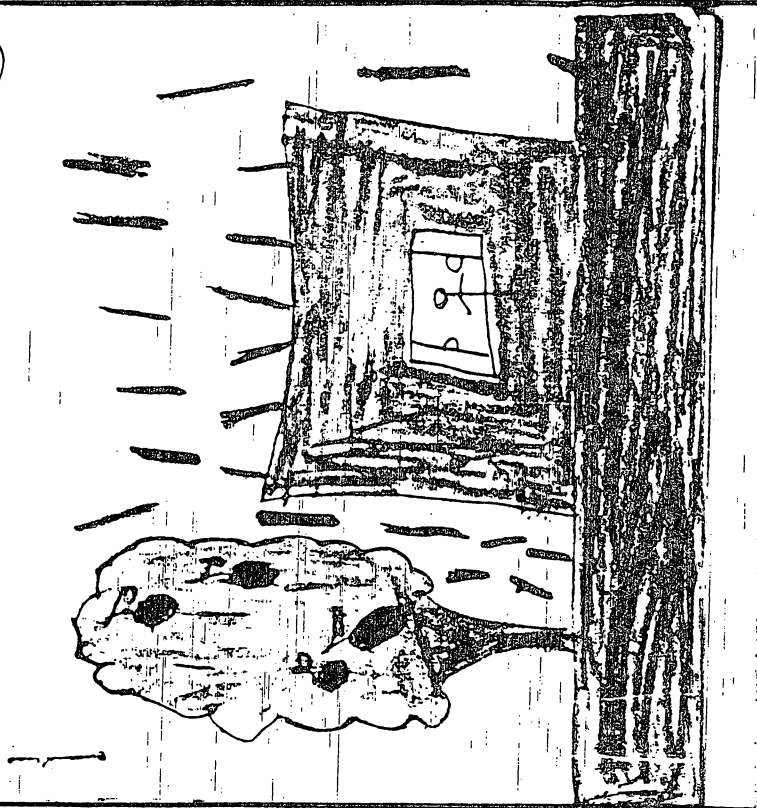
Um dia, ele abriu o olho e achou bonito
Ele viu os peixes, o mar, os brinquedos e
ficou feliz para sempre.

Autores: 1ª d

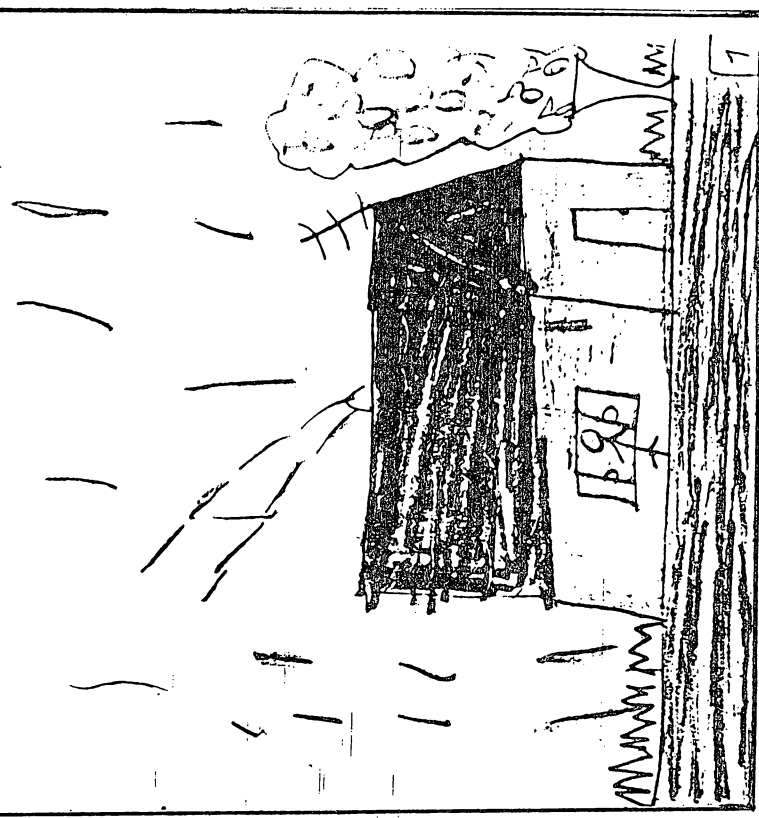
Outor mary tranço.

desenhos: Regiane.

Chuva!

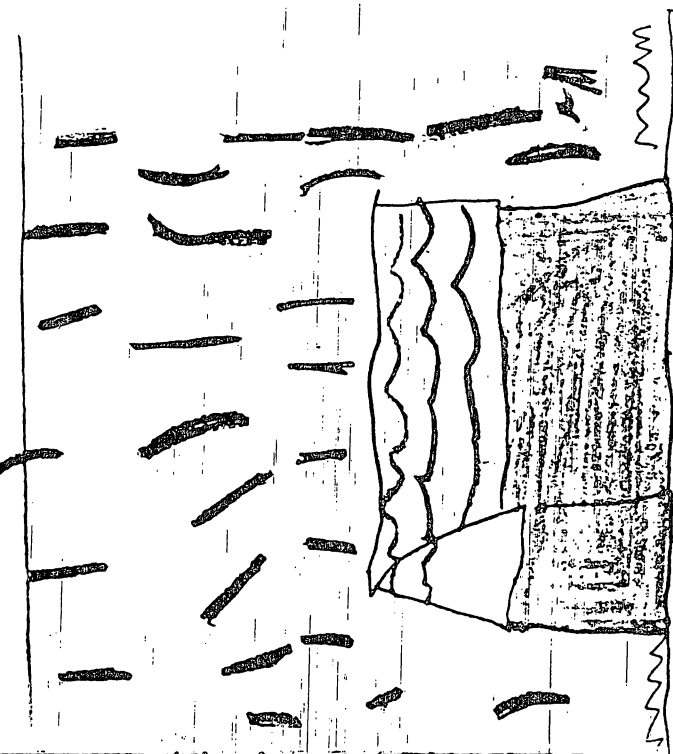


Anna vê a chuva da janela.

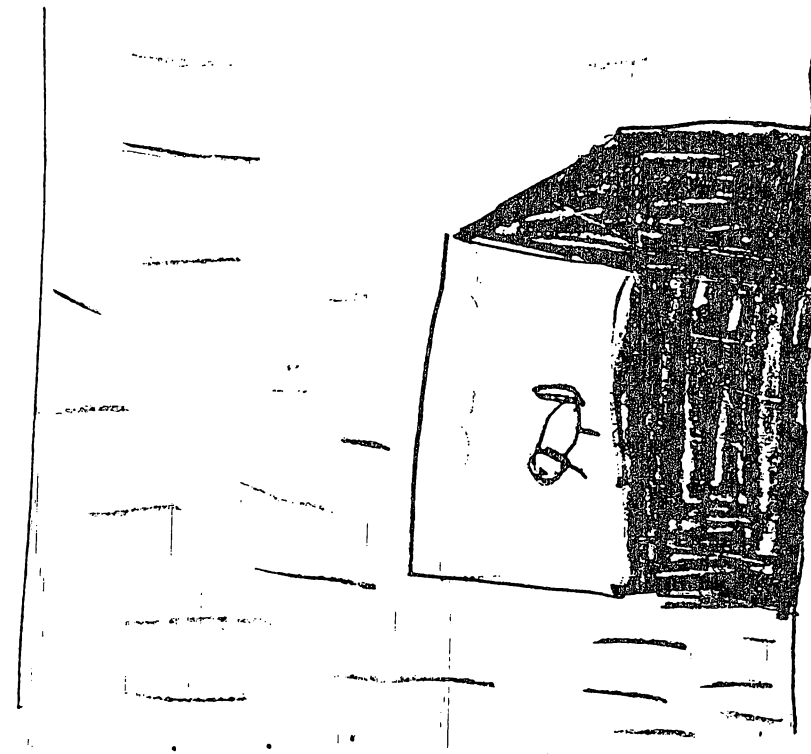


A chursa inelha
aquí e lá.

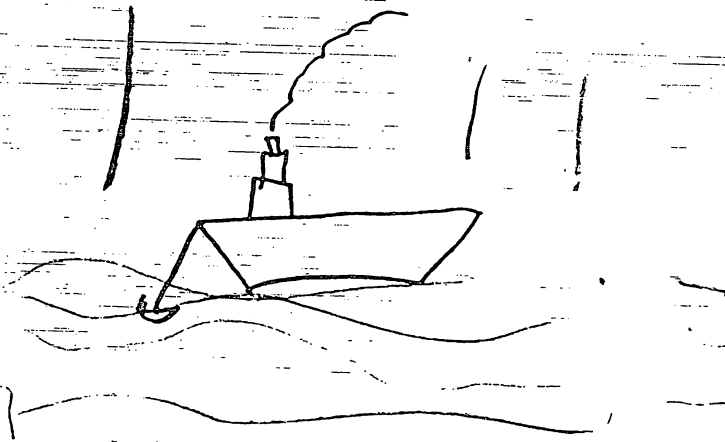
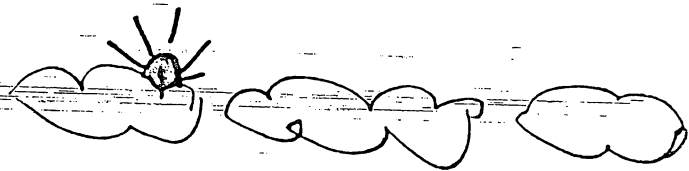
Aquí e a chursa inelha
telhado.



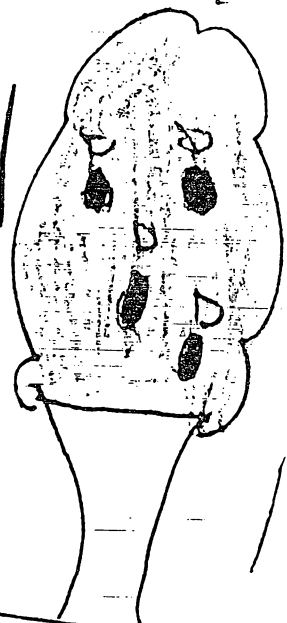
Molha o gto no
telhado.



Lá, a chuva molha
o mar.



Aqui, a chiva no
lha o galho



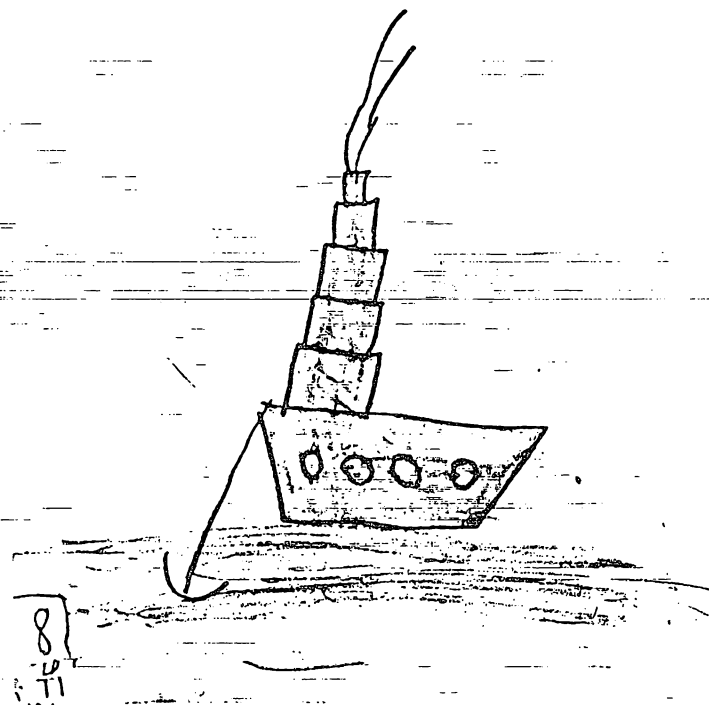
11

Melhor que tucano
galho.



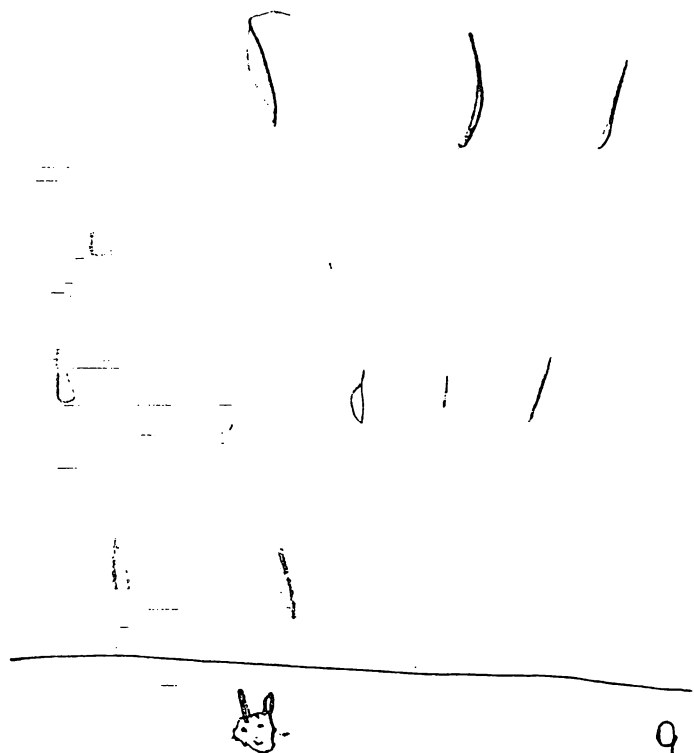
12

Lá, a chieva
mola o marçio.



8

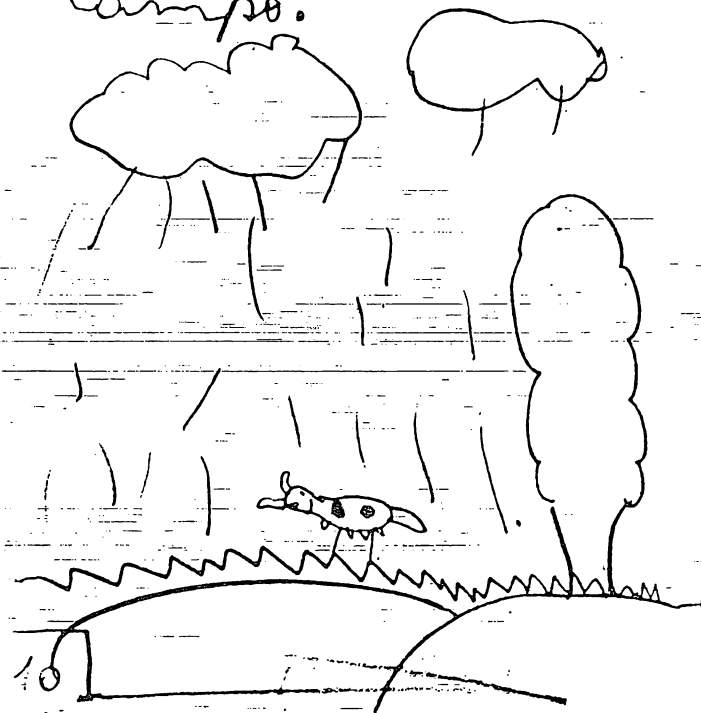
Molha o sivi melha
da do mar.



9

Iqui, a chuva molha
o campo e o cami-
nho.

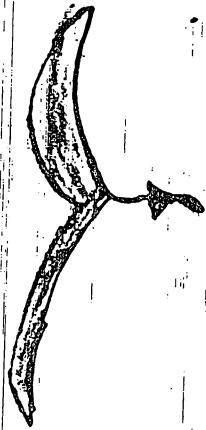
Molha o boi no
campo.



Molha a careca
do vovô.



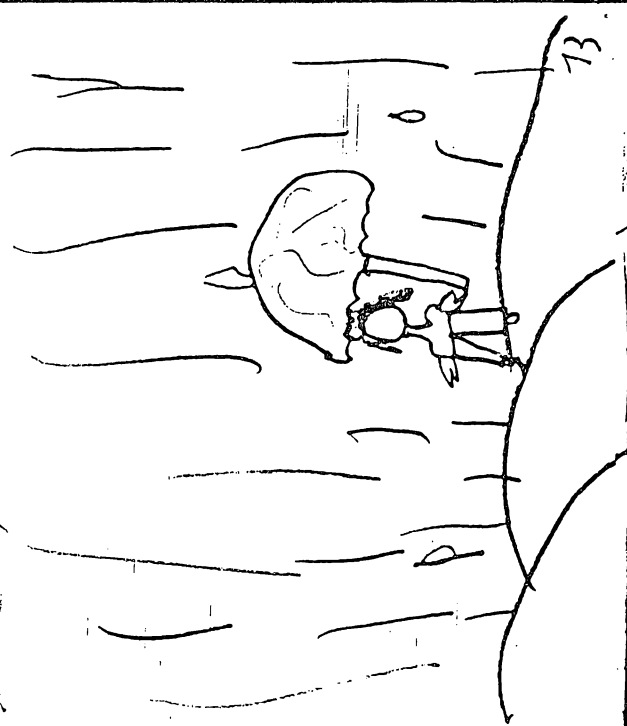
Lá a chuva
molha a quiveta.
Molha o peixe
que a quiveta põe
no mar!



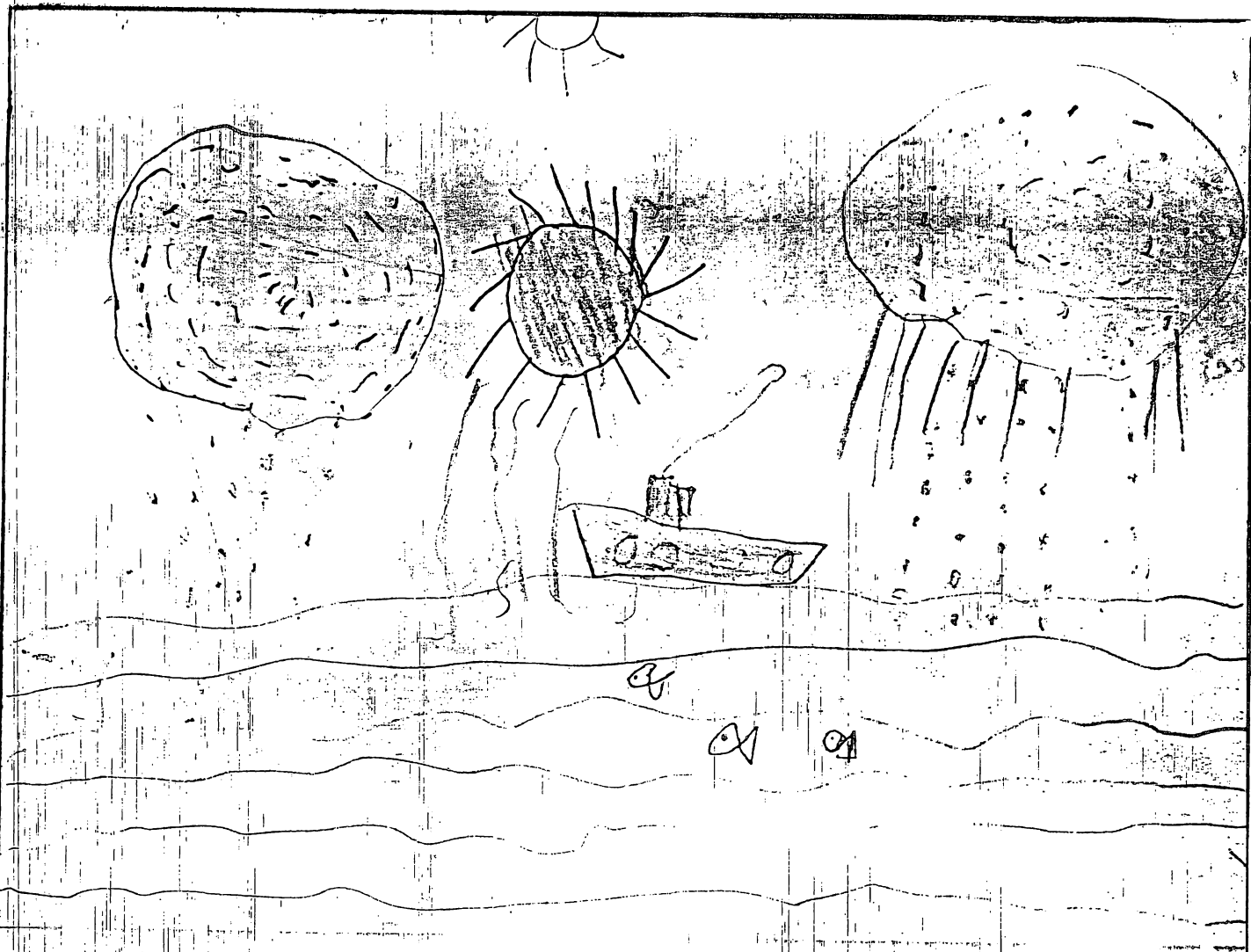
12

91

{ aqui, a chuva
molha o guarda-
chuva de Ana.



73



A chuva.

O sol aquece as águas dos rios,
do mar, dos lagos e das poças.

As águas evaporam e sobem para o
céu.

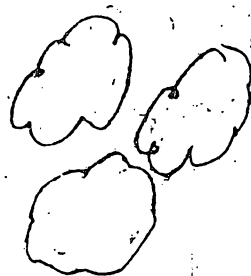
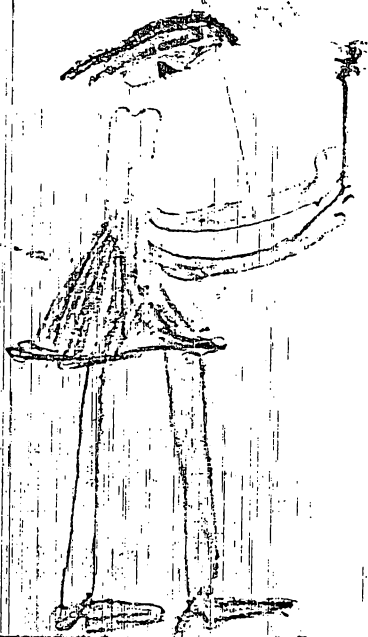
Lá no céu elas formam as nuvens.

As nuvens ficam pesadas e as águas caem
em forma de chuva.

Autores: 1º = 2

Curitiba, 5 de maio de 1992.
Hoje é terça - feira.

Tia Delica.



Edson

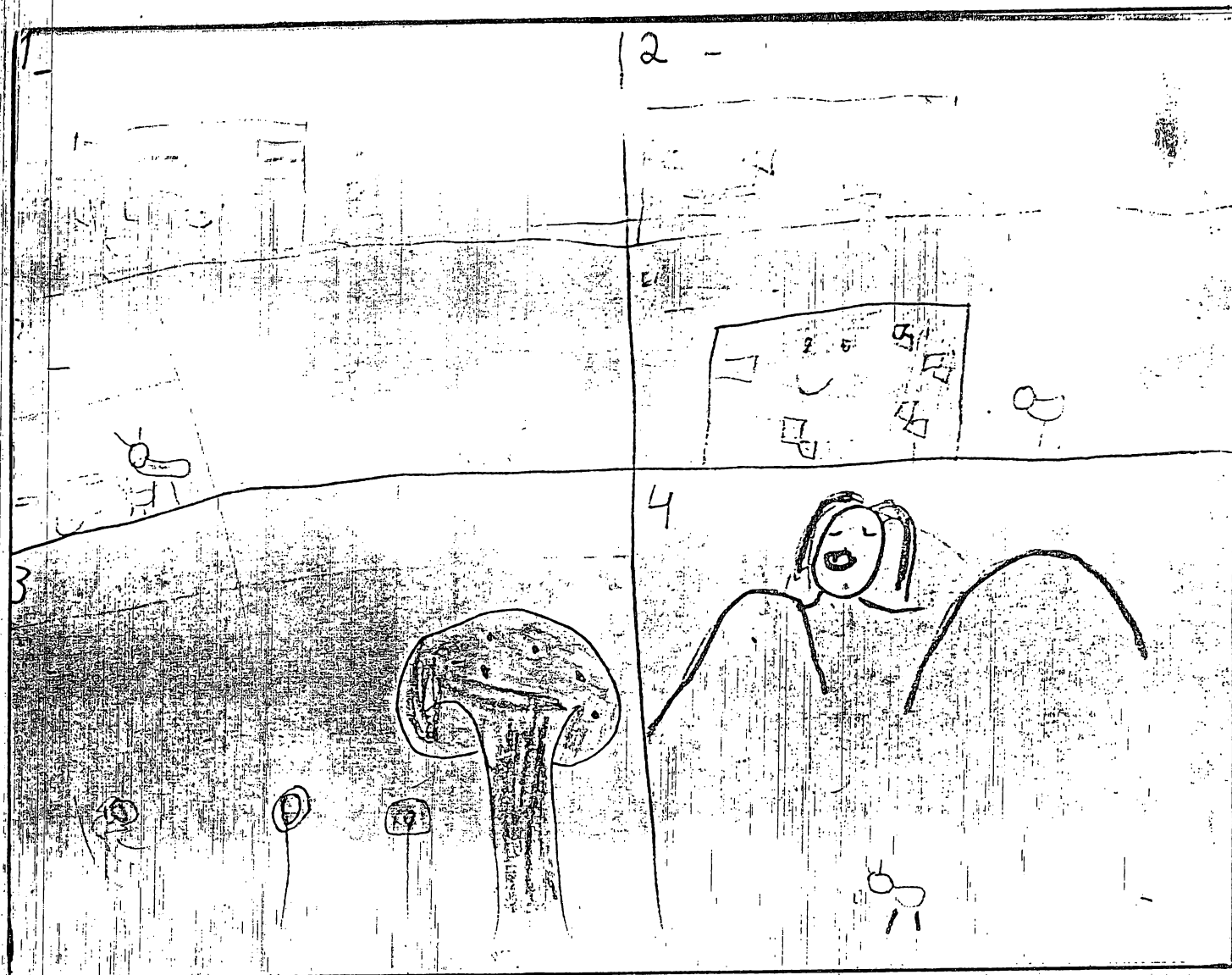
Tia Delica realizava os sonhos das crianças. Ela dava lá, brinquedos e dinheiro para elas. Quando chovia, elas queriam brincar com pedrinhas de gelo. um dia, ela falou que as crianças tinham crescido. autoras: 1ª e 2ª

Jean



O barco.

Eu viajei de barco e a água estava verde. Quando ele foi para ver se a água estava verde a correnteza veio e me levou para um lado e eu imaginei que um homem estava pescando e me pescou.



A formiga e a meia.
 Era uma vez uma formiga que ia trabalhar
 e prender o pé meia.

Ela pediu ajuda para o muro, o rato, o gato,
 a chuva e o homem e a morte e ninguém.

Então ela rezou pra Deus e ele mandou a
 primavera.

- A baratinha e o João Ratoão.

Era uma e a outra baratinha.

Um dia, ela achou uma moeda e foi contar para vizinha.

A vizinha disse para ela comprar.

Moedas e fita para se

carar.

Apareceu o leão, o galo, e o cachorro e ela não gostou.

Ela se carou com o João Ratoão autores 11º S

O marujo estava navegando no
mar e o mar estava forte e o marujo
afundou no mar e o tesouro ficou no
fundo do mar.

autor Daniel Luiz Panno

a formiga comia o açúcar

ela levou o açúcar para o formigueiro
as formigas comeram tudo.

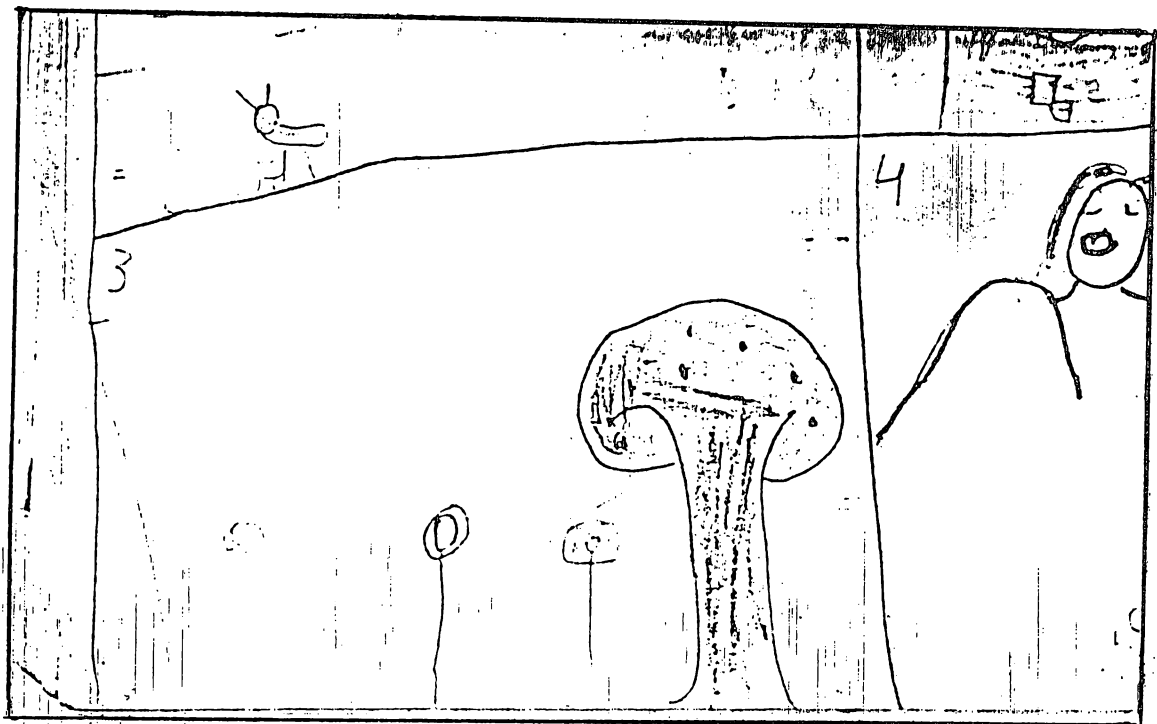
Es

elas ficaram com dor de barriga

as lidas atacaram as formigas
a formiga e os formiga

o açúcar.

Fábio



a formiga trabalhadeira

Um dia ela despertou de sua cama para trabalhar.

Ela tomou café e daí foi para o seu trabalho.

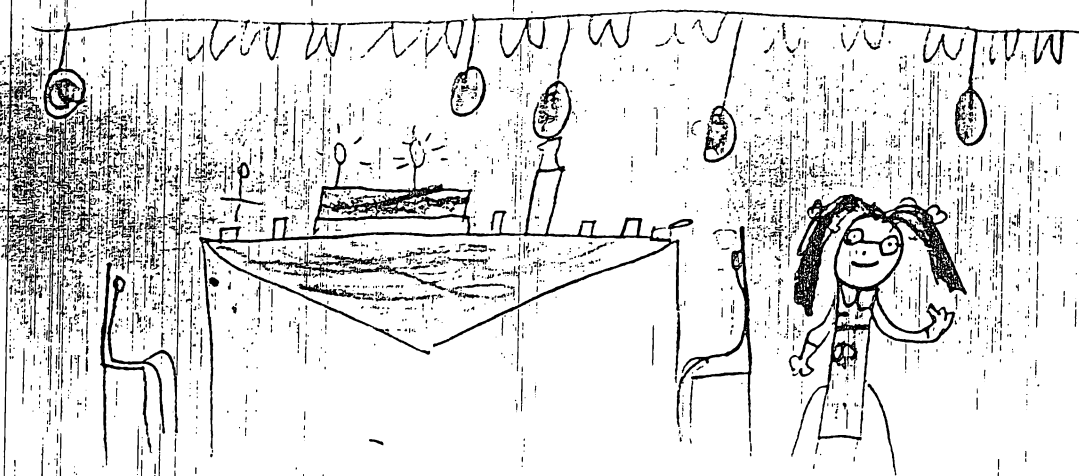
Ela encontrou a amiga dela e as duas foram trabalhar juntas.

F I M

Thais

Aniversário.

A vovó fez um bolo muito gostoso
para o aniversário.
E todos gostaram do bolo dela.



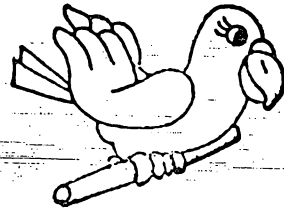
Fabiana



Olelele.

Um dia, o lelele começou a chorar e a mãe.
do lelele teve que dar mama para o
lelele e depois o lelele dormiu.
FIN

J.



O papagaio

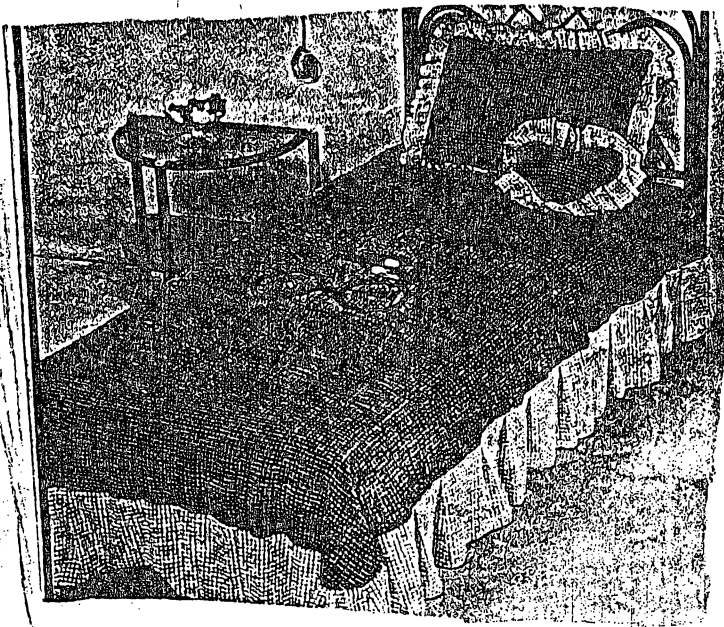
O papai comprou um papagaio.

Que ele chamava loro e o dono que era.

O dono do papagaio pediu cinquenta mil.

Poró o papagaio e ele comprou o papagaio.

Emerson



Ótimo!

A cama.

ria um rey uma cama Eu dormia nela eu gosto
la.

Um dia a minha mamãe deu ela para outra gente.

Eu xorei:

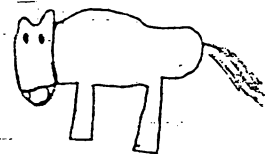
aaaaaaa!

{ a minha mamãe ficou triste.

{ a mamãe sorriu e deu um armário eu quebrei e xorei
novamente!



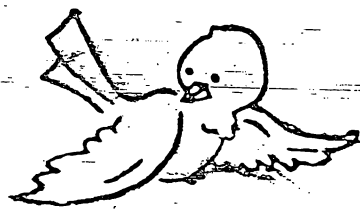
eu tor-mayron



O cavalo.

Era um cavalo que eu tinha bem bonito
eu gostava muito dele ele é muito meu
amigo.

Eu montei nele ele estava com fome eu dei comida
e pra ele ele ficou forte. autor: Fabio.



O novo tem um papagaio -
a tarefa na papagaio o papagaio.
para o papagaio e papagaio não a tarefa
lá e daí o novo comprou outro

Emerson

O Reino!

O leatimã

O leatimã ele luta para defender a terra.

O a missã do leatimã e o nome dele era Robem.

O Robem lutou e viveu com leatimã.

Reginaldo

Corbetta



O rodeio

Ôtônio!

O papai foi ao rodeio e ele assistiu o rodeio.

Peti e a mamãe foram ao rodeio.

E a mãe e o dono do rodeio ficaram tristes

E a mãe caiu no chão junto com o cavalo

Emerson

O Macaco

Era uma vez um macaco chamado Mico.

Ele era muito brincalhão.

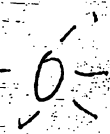
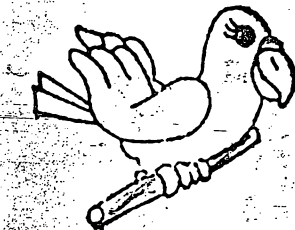
Ele gostava de brincar e também de passear no bosque e todo mês.

Mas tinha horas que se aborrecia e quando se lembrava de sua mulher que se separou dele ficou muito triste.

Ele voltou para ela e ele ficou mais feliz do que era.

fean

3 - Escreva uma história.



O papagaio.

Um dia, o papagaio se machucou e ele estava
levando a lenha para sua casa e daí já ele
choraram e daí a família dele chorou muito
porque ele morreu e o interesse dele foi triste.

Os amigos dele choravam muito.

FIM

Fabiana

A menina

Um dia, uma menina foi convidada o seu amigo para ir no parque a mãe do pai fala.

Talvez mais não demore.

Era meia noite eles não voltaram os pais ficaram preocupados.

Mas eles voltaram e vieram felizes para sempre.

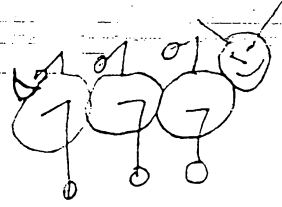
Muito Bem!

Fabiana

Humo!

Esta é a tita Andréa ganhou a galinha
sete anos André e tita gostam de brincar
quando eles acordam. um dia quando tita saiu
para dar uma volta ela subiu na jabuticoba
e pulou lá no outro quintal ela andou
tanta coisa que se perdeu tita achou um
quintal e ela disse para si mesma de quem
será este quintal que tem água e milho nela
ela viu a galinha e disse de quem será
esta galinha depois de duas semanas que
tita tinha desaparecido a mãe de André

pediu para que levasse as coisas para dar
a ela a primeira coisa que ele viu foi
tita e eles ficaram muito felizes
para sempre?



A formiga e o pinguim

Um dia a formiga estava no parque e a pinguim
falou para a formiga e quiseste esta fazendo
aqui e a formiga falou assim eu estou passando
no parque para eu para a casa da vovó

Daniel

As aves.

As aves são bonitas!

Elas moram nos ninhos.

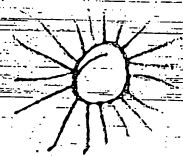
Os ninhos não são iguais porque tem uns que são feitos nas árvores, outros na terra e outros no mato.

As aves lutam entre si.

Elas comem milho, quirela, minhoca alpiste e alface.

Todas as aves tem o corpo coberto de penas.

autores 1ª e 2ª.



Y 1 1

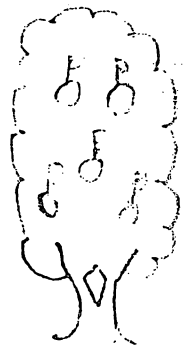
Era uma vez uma menina chamada Maria.

Ela era muito bonita.

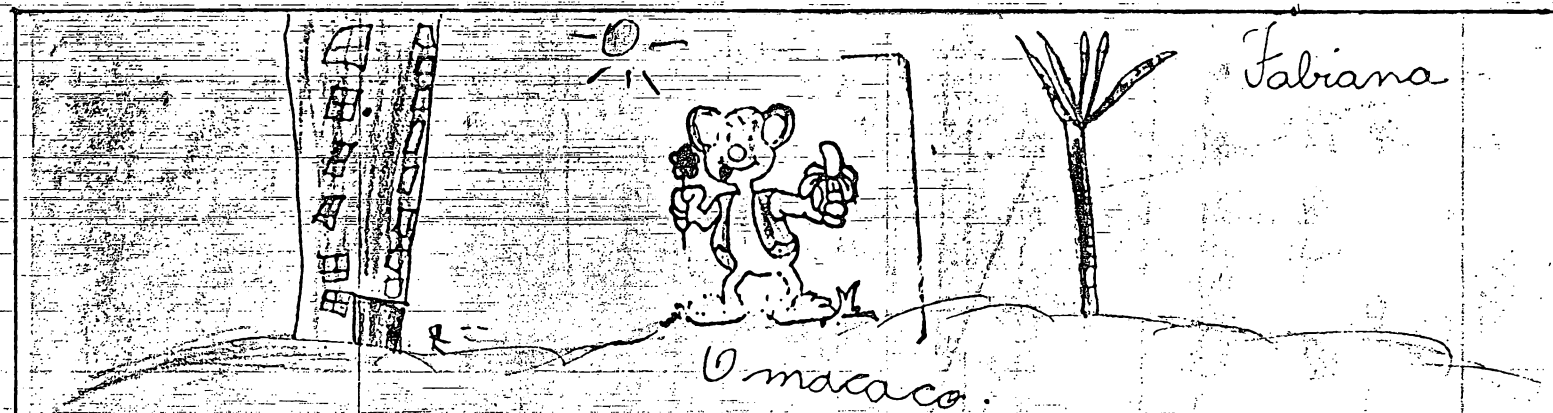
Ela sempre gostava de sua canção.

Quando foi de noite ela dormiu e quando ela acordou a sua canção tinha

ficado do jeito que ela queria. E ela sabia
que ela queria sempre.



geom



Um dia, o macaco a passeio na cidade e
dai a vizinha viu o macaco e dai o macaco.
O pai que via pegar a banana do macaco
maiz o macaco correu para a casa e dai o pai
pegou a espingarda e matou o macaco.

Dom.

Título



Era uma vez uma casa
que vivia num lugar onde
não havia ninguém.

Era uma casa muito

bonita

missal

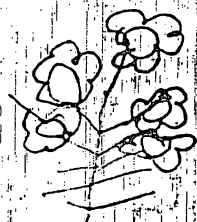
Ótimo! O passarinho.

Era uma vez um passarinho.

Um dia, o passarinho morreu.

Upá atirou no passarinho.

E o passarinho caiu do ninho.



Ederson

Este fantasma

É um dos vtz um fantasma chamado Plift
Ele vive com a família Muller casa abanda-

mada. Um idoso maranhense Benito de que
procedeu a Maurilio marcelo de fontes mulla.

De quarta noite de terceira noite de se
to noite de se to noite de se

noite de se to noite de se

noite de se to noite de se

Parabéns!



O lealão

Era uma vez um lealão que viveu na casa
da minha vovó e pegou fogo e a minha
vovó chamou os bombeiros pra apagar.
O fogo e ele apagou. Autor: Fábio

Hum!

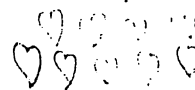
Trabelle.

Era uma vez uma mulher chamada Trabelle.

Ela é muito bonita.

Um dia Trabelle foi passear e uns homens pegaram ela e sequestraram.

A sua mãe chorou muito e os policiais continuavam a procura quando ela foi achada todo mundo ficou feliz porque ela foi achada.



Jean

Conto

Era uma vez uma galinha.

André ganhou quando ele fez sete
anos.

André era muito amigo dela.

Um dia, ela resolveu dar-lhe

volto e subiu num pé de jabuticoba

achou água e milho.

A mamãe de André mandou ele ir na casa da dona

Lalá e a primeira

coisa que André viu foi a galinha
dela.

Daí André levou a galinha embora.

autor: Fabíola

Okimo

☺ André e a galinha.

☺ André ganhou uma galinha quando tinha 7 anos.

Quando ele acordava ia bicar a comida da galinha.

Até dele acordar a galinha, saía e caía e de acordar
e não via a galinha lá na casa e de ficar triste, sua mãe mandou
ele ler a treche para vizinha quando ele chegou lá.

A primeira coisa que ele viu foi a galinha.

É com certeza com a vizinha e da dentro da galinha.
na vivenda feliz com a mãe e o papai.

Thais

A menina vinha da escola quando
caíca.

A mãe dela passou viagem e ela chorou
Ela foi recs o colégio na rd.

A menina quer a briga de p. d. -
T. m. m. e todo mundo deu risad.

autor: 17 a 2

Otimo!

balão.

O meu irmão saltou um balão.

O balão subiu bem alto.

A hora que o balão estava bem alto, ele foi descendo bem devagar.

e saiu na casa do Daniel.

O Daniel se queimou.

e a mamãe dele foi chamar o

bombeiro de.

ônibus.

Estragou uma peça do ônibus.

autor: Emerson.